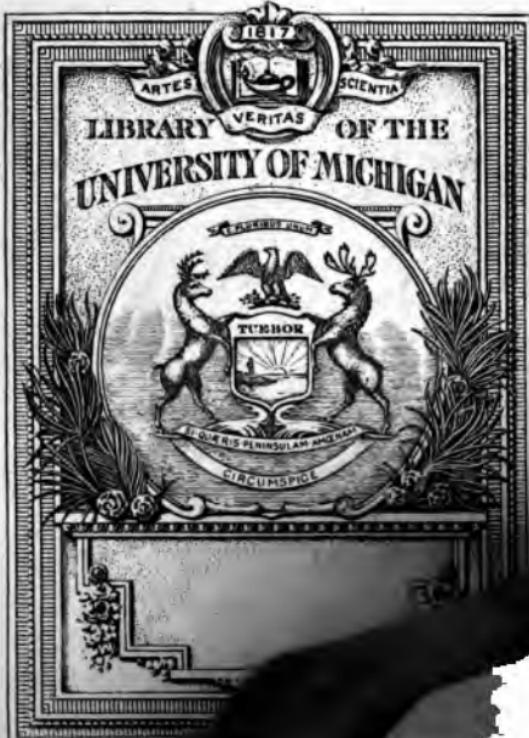


869.8
A449
1822

A 465630

www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn

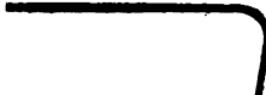
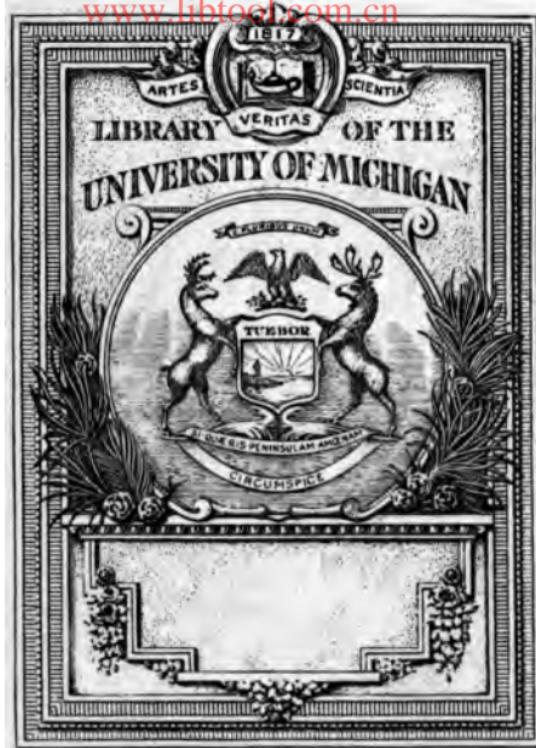


3099

www.libtool.com.cn



www.libtool.com.cn



3099

www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn

almeida Garrett, Joāo
Baptista da Silva Lestā,
de Almeida Garrett, I.
visconde de

THEATRO

www.libtool.com.cn

DE J.-B. S. L. A. GARRETT.

TOMO I.

LISBOA,

ANNO II. (1822.) NA IMPR. LIBERAL,

Rua Formosa N. 42.

869.8

AAA9

1822

11

www.libtool.com.cn

20941

THE LITERATURE OF THE BIBLE

www.libtool.com.cn

A QUEM LER.

Conheço perfeitamente a dificuldade d'uma composição drammatica. Empregando a maior parte de minhas horas vagas (unicas, que dou a versos, e similhantes passatempos) neste ramo da poesia, que por inclinação aí me sempre, e por estudo cultivo; versando, quasi desde a infancia, com nocturna, e diurna mão os theatros Gregos, e Francezes; tenho de sua leitura constante colhido (quando menos) o conhecimento perfeito da dificuldade do genero. Lendo Sophocles, e Eschylo, Euripides, e Aristophanes; ajudando-me no pouco conhecimento da lingua Grega das boas traducções Latinas; e Francezas, e sobre tudo da erudita, e ingenhosa obra do P. Brumoy; adquiri o gêsto do theatro classico, e das bellezas magestosas, e simples da Melpomene d'Athenas, com o do sal acre, e travessos risos de sua galhofeira Thalia.

A tragedia Grega singela, e vigorosa em Eschylo, magestoza, e sublime em Sophocles; só em Euripides deçai alguma couza em certa affectação de moralizar, que depois em Roma estragou Seneca, (*) e mais posteriormente em Paris amanharou algumas vezes Voltaire.

(*) Ou quemquer que é o auctor das tragedias deste nome.

Na commedia Grega, simplez caricatura ao principio de diversas personagens, mais vaga, e incerta no seu caminho de apperfeiçoamento, admirei a viveza dos ditos picantes, a ingenhosidade da imitação ridícula, porém mais nada. E não tendo outro escriptor, senão Aristophanes; até pela fallencia de comparação, foi indeterminado o meu conceito.

Não conhecia eu estas diferenças nos meus principios; e o sentimento da admiração era o único da minha alma quando contemplava tacs maravilhas.

A scena Romana não me ofereceu senão Plauto, Terencio, e Seneca; ou, mais exactamente algumas cópias desfiguradas dos originaes Gregos, que tendo largado o palio de Athenas, vestirão a toga do Lacio, que se lhes desageitava nos homens desafeitos.

Voltei-me ao theatro das linguas modernas, que não só colherão o bejo ás bellezas, e primores Gregos; mas souberão cria-las novas. Na tragedia a Sophonisba de Trissimo, e a Castro de Ferreira; na comedie Gil Vicente, Prestes, e Ariosto com outros na Italia, e Hespanha, apresentão as primicias da moderna scena, que, ora moldada no classico Grego, ora no genero Romantico, formão uma terceira especie, d'ambas participante tantos esmeros, e prodigios veia depois a dar ao theatro das linguas vivas.

Alem de longa, fôra bem superior ás minhas fôrças a apalyse das peças drammaticas do riquissimo theatro Francez: do não tam rico, mas quasi tam extenso Inglez, e Hespanhol; e finalmente do novissimo, porém talvez superior a todos, o Italiano.

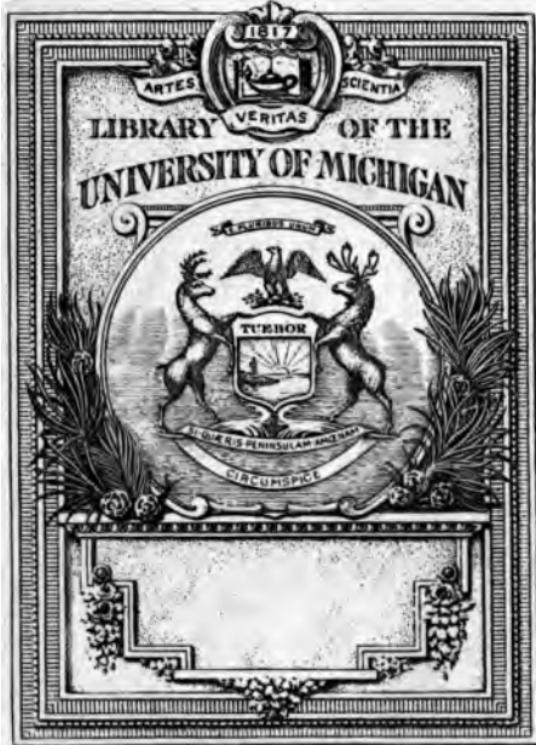
Ninguem ignora que a conservação, e apurro do genero classico se deve á França, e principalmente a Racine, Voltaire, e Crebillon; mas poucos quererão conceder que Mafei, e Alfiéri o sublimou, e appurou ainda mais que todos elles. Todos sabem que o genero Romântico, filho de Shakespear formou uma classe distinta, e separada, que, supposto irregular, e informe, tem com tudo bellezas proprias, e particulares, que só nelle se achão.

Todas estas observações tenho eu encontrado nos philologos modernos, e em todos, qu quasi todos os cursos de litteratura. Mas o que não nã lembro de ler, é que este genero Romântico, combinando-se com o classico, dando-se, e recebendo mutuos socorros, formasse um genero novo, cujos carathères, são bem salientes, e cuja belleza inconfundível. Segundo a minha opinião são classificáveis nelle Corneille, e D'Urfé em quasi todas as suas obras, Schiller (*), em algumas, e os modernos autores Ingleses, e Hespanhoes em todas.

No que toca á especie commica, não se pôde com exactidão dizer o mesmo. Pois de certo em Espanha, desde o *Mejor de Corneille*, até quasi ao nosso tempo (em que Diderot, os seus *chansons*, e os seus imitadores, fazendo um co-

(*) O theatro Alemão não faz uma escola sua: quasi todo elle é Ingles; pouco neste genero misto; e por ventura penhum no classico. O que se diz da scena tragicá, não direi eu da commica, em que o não julgo cousa alguma absolutamente.

www.libtool.com.cn



3099

www.libtool.com.cn

VIII

embaraçava uma cousa ; e era o consentimento do meu amigo, o Sr. P. Midosi, que tanto, ou mais que eu, havia trabalhado nella. Tendo porém convindo em correr-nos aventuras de auctor; ambos sahimos a público, tanto mais animados, quanto, em caso de desfortuna nos podêmos mutuamente imputar o mau exito da empresa.

www.libtool.com.cn

C A T Ã O,
T R A G E D I A.

*Representada pela primeira vez em Lisboa, no
Theatro do Bairro-Alto em 29 de Setembro
Anno 1. (1821.)*

ACTORES.

www.libtool.com.cn

Prologo.

CATÃO.

— BRUTO.

— MÁKIO.

— PORCIO.

— SÉMPRONIO.

— DÉCIO.

JUBA.

Senadores, Guardas, Lictores.

Logar da scena-Uttica.

PROLOGO. (*)

Hoje, invocando as misas Lusitanas,
 Calçando com mão tremula o cothurno,
 Vêho timido expor nas scenas patrias
 Hum caso atroz da memoranda Roma.

Da Lybia ardente nos torrados plainos
 Arquejando vereis a liberdade;
 Vela-heis, moribunda soluçando,
 Espirar sobre a areia; einda de longe
 Fitar no extremo olhar o Capitolio.
 Honra, valor, virtude, exfôrço, e glória
 Tudo acaba com ella nesse instante:
 Algozes, ferros, asperas cadeias
 Da miseranda Roma algemão pulsas.
 Mas da patria infeliz o negro opprobrio
 Catão não o ha de ver; morre primeiro.
 Ve-lo-heis, esse homem, o maior dos homens,
 D'homem, de pae, de cidadão deveres

(*) Recitado pelo author na primeira representação.

Desempenhar Romano, e morrer honriff.
 Ve-lo-heis tranquillo desafiar a sorte;
 E ainda nos momentos derradeiros
 Fazer no solo estremecer tyrannos;
 Pasmar a terra, e envergonhar os numes,

Da malfadada Roma unica esp'rança
 Bruto verçis tainbeis : n'alma agitada
 Ver-lheis matar c'o a patria a natureza;
 Mas a patria vencer. Odio execravel;
 Desesperado horror na voz, nos labios
 Lhe vem do coração troar vingança.
 Um dia inda virá que o braço ardido
 Quebre d'um golpe os ferros do universo.
 Heroismo, e valor, terror, e espanto.
 Só vereis neste quadro sanguinoso.
 Envolta em negro luto a Tyra austera
 Só trâa sons de morte, e de vingança.
 Em vez dos ais d'amor pullulão, servem
 Os ais, filhos do horror nas dtrás chôrdas.
 Ternura, encantos de delicia, e mimo;
 Oh ! não os espereis : só fala a patria.
 Em corações, que a patria só conhecem.
 Romanos estes são; mas vós sois Lusos;
 E de Romano a Portuguez que dista?
 Forão livres aquelles; vós sois livres;
 Cidadãos; vós o sois; homens; sois homens;
 Pelos campos da gloria, e liberdade,
 Onde o Tybre correu, corre hoje o Tejo.

Escrava é Roma ! . . . Italia malfadada !
 Oh ! que ideias de magoa, e de vergonha
 Não excita este nome ! Italia em ferros !
 A patria dos Catões, dos Brutos, Cassio
 Oh ! nodoa nos annaes da humanidade !

Oh ! quem podesse á historia do universo
Arrancar essa pagina d'infamia !

Mas não, não recordemos taes memórias :
Ou, se as lembrarinos, lembre-nos o exemplo
E atalhemos o mal na origem delle.
O ferro de Catão... (Não o de Bruto...)
Tambem sabem menea-lo os Portuguezes,

E tu, sexo gentil, delicias, mimo,
Affago da existencia, e encanto della,
Oh ! perdoa, se a patria te não deixa
O primeiro logar em nossas scenas ;
Não esqueceste, não ; porema ciosos
São nossos corações de liberdade :
Onde impera a belleza, amor só reina;
Foge, onde reina amor, a liberdade.

E vós, vós todos, assemblea illustre,
Oh ! não ; não attenteis do vate aos erros.
Arte ingenhosa, lucidos talentos
No limitado espirito fallecem ;
Foi só meu coração quem fez meus versos :
Por elle julgai só. Louvor, e aplauso,
Nem os quero de vós, nem os supplico :
Não me levou a empreza tão difícil
O louco amor de passageira gloria.
Vede exprirar Catão : dentro do peito
Guardai desse Romano alma, e virtudes.
Se o conseguem meus versos, se me é da lo
Esse premio alcançar de meus trabalhos ;
Audaz, affluto, satisfeito, o pago
Ao resto irei da Europa, e do universo
Louvor, ccusuras desprezar sem medo.

www.libtool.com.cn

C A T Ã O,
T R A G E D I A.

ACTO PRIMEIRO.

S C E N A I.

BRUTO, MANLIO.

BRUTO.

Sei tudo, e tudo ouvi sobejas vezes;
Nem querô ouvi-lo mais. O céo, què a Roma
Nos pôz columna extrema em seus desastres,
Não quer prantos de nós: valor, constancia,
Virtude, exfôrço, os unicos remedios
São dos males da patria. Lamenta-la,
Chora-la em ocio vil é ser covarde,
E' não ser cidadão, não ser Romano;

MANLIO.

Mas ouve...

BRUTO.

Tudo sei : que escrava é Roma ;
 Que o baixo povo ; que o mais vil senado
 Folga entre os ferros que lhe doira o crime.
 Que Cesar ^{www.libriol.com.cn} victorioso tantas vezes
 Ao carro triumphal levá exegrando
 As Romanas virtudes manietadas ;
 Que essa prole bastarda de Quirino ,
 Degenerados netos dos Fabrios ,
 Espurios filhos , infezado sangue
 Dos Fabios , Quincos , dos Scipiões , dos Brutos ,
 Essa turba infiel vendeu contente
 Braços , e coração , virtude , e gloria
 A trôco d'ouro vil ; que impera ovante ,
 Que exulta Julio sobre a patria em cinzas ,
 E sobre o deshonrado Capitólio .
 Ousã dictar os fados do universo ,
 E em fin d'hum povo rei ser . . . Não , amigo :
 O termo baixo , e vil , termo execrando
 Entre os labios não cabe d'um Romano .
 Seu tudo ; e tudo n'alma impresso em fogo
 Continuamente me lacera o peito :
 Mas aq pézo da sorte inda não curvo .
 Tenho no peito coração Romano ;
 E em quanto a espada do tyranno Cesar
 M'o não souber varar . . . não cedo a Cesar

MANLIO.

Tuã nobre constancia admiro , e louvo ;
 E comigo o universo : mas tu mesmo ,
 Bruto , e confessas ; só a nós , e a poucos ,
 A poucos mais os deuses reduzirão
 Da triste liberdade os defensores .
 Nos quasi abertos , derrocados muros
 D'Uttica só nos resta amparo debil .

Por suas brechas sem conto a cada instante
 Nos entra a escravidão, nos foge a patria.
 Nossas tropas, reliquias já cançadas,

Já do infeliz Pompeu.

www.totool.com.cn
 BRUTO.

E d'um tal nome

Não te basta a memoria deshonrada
 O esquecido valor a excitar n'alma?
 Inultos manes, veneranda sombra,
 Víctima infiusta da traição mais barbara!
 E o vil, que ousa Romano appellidar-se,
 Será, Manlio, será?

MANLIO.

Será da patria

O tyranno oppressor.

BRUTO.

Elle! Primeiro

Ha de Caçao morrer.

MANLIO.

Dois golpes juntos

No seio maternal sofrerá Roma.

BRUTO.

Que soffra mil, e que não seja escrava.

MANLIO.

Ah Bruto! e de que serve o nosso exfôrço?

Nós poucos, ja sem fôrças que nos resta?

A' patria agônisante, e quasi exticta

Que podemos fazer?

BRUTO.

Morrer com ella.

MANLIO.

Mas...

BRUTO.

Basta: a aurora a despontar comeca.

Pallida, e triste nos conduz a medo.
 O dia, o dia por ventura extremo
 Da nossa liberdade! Oh Roma, oh patria!
 Ceos, que o raios guardais, no mundo ha crimes;
 Que os de Cesar igualmente ha malvados,
 Cujo horror se emparelhe ao d'hum tyranno?
 Sim, Manlio, o dia chega; e junto em breve
 O senado será: delle dependem.
 Elle decidirá nossos destinos.
 Teus receios ante elle, os teus temores.
 Tua prudencia poderás expor-lhe.
 Eu, simples cidadão, tenho hum só voto:
 Amigo aconselhei-te a ser Romano;
 Romano não te posso ouvir mais tempo.

S. C E N A II.

MANLIO so.

Romano! Ideias vans! Já não existe
 Essa gloria, esse nome tam famoso.
 Tua feroz virtude embalde intenta
 Erguer das cinzas a defunta Roma:
 Punhal terrivel de civis discordias
 O seio lhe rasgou, cortou-lhe as fôrças.
 Roma não vive ja: Cesar triumpha;
 Potencia infausta lhe sustenta o throno;
 Indomavel podêr o escuda, o ampara;
 Tudo lhe cede: e nós mesquinhos restos
 Ao furor escapados de Pharsalia.
 Insensatos ousamos... (Ah! debalde)
 Pelo phantasma vão da liberdade
 Sacrificar as preciosas vidas! ..
 Porém Sempronio chega. Alma insidiosa!

Einda fia Catão d'homens como este
Fazer Romanos, e salvar a patria ?

www.libritool.com.br
S I C E N A . III.

M A N L I O , S E M P R O N I O .

S E M P R O N I O .

Fallaste com Catão ? Que te disse elle ?
Seu nobre exfôrço, amigo, que medita ?
Como pretende ás victoriosas tropas
De Pharsalia, do Egypto, e do universo
Na impetuosa torrente oppor barreiras ?
Como intenta salvar-nos ? Que lhe resta
Para a defesa d'Uttica em ruínas ?
Da extinta liberdade que esperanças
Conserva ainda ?

M A N L I O .

As de morrer com ella,
E c' o a patria exhalar o extremo alento.
Incapaz de torcer, firme, indomavel,
Não vê, não ouve, não attenta a nada ;
E entanto erescê o mal ; e a cada instante
Foge o remedio,

S E M P R O N I O .

Um resta.

M A N L I O .

E qual ?
S E M P R O N I O .

A Cesar

Ir ao encontro ; suspender-lhe o ferro ;
Salvar a propria vida, e junto ao throno
Seguir os fados do universo inteiro.

MANLIO.

Mas Catão?

SEMPRONIO.

Ali! Catão... E esperas delle
 Que attenda ao bem commun, que os sonhos deixe
 Da apparatosa ^{www.Libertad.com.br}van philosophia;
 Que o orgulho dos systemas sacrificue?

MANLIO.

Não, Sempronio; sua alma não conheces;
 Não o dirige o orgulho; homem mais simples,
 Mas singello, mais chão, menos fastoso;
 Que ostente menos, menos se conheça,
 E o valor saiba das virtudes suas,
 Não creáron os ceos, nem o aureo tempo
 Viu de nossos avós na antiga Roma.

SEMPRONIO.

Eu conheço Catão: suas virtudes,
 Como tu apprecio; mas que importão,
 Que nos podem fazer suas virtudes?
 Cesar, amigo, Cesar formidavel,
 Que a fortuna encadear soube a seu carre,
 E com ella a victoria; que escoltadô
 Marcha d'immensas, d'aguerridas tropas,
 Que á excepção deste pouco da Numidia,
 (De poucos palmos de torrada areia)
 Ve curvado a seus pés o mundo inteiro,
 Cesar em pouco tempo...

MANLIO.

E' necessário

Expor com energia ante o senado,
 A crise perigosa, em que hoje estamos.
 Em breve aqui se ajunta: em vivás eões
 Convém pintar-lhe o estado miserável
 Da patria, e nosso; o abyssmo onde a arrastamos.

Se, para não quebrar nessa virtude
Não dobra um pôuço a pêzâ dâ fortuna.
Taes são minhas tenções.

www.lib.utp.edu.br

E pensas, Manlio,
Quê ante esses homens, que a cegueira illude..
Que em Catão vêm seu deus, que existem nelle,
Que o falso, brilho deslumbrou da gloria,
Que o vão, que o louco amor d'uma chimera,
A que chamáram patria, e liberdade,
Antepõe a seus proprios interesses,
A's honras, á ventura, á mesma vida,
Que ante homens taes minhas tenções exponha,
Que lhe allegue razões, que elles não ouvem?
Fôra imprudencia, e de nenhum fructo o risco.
Antes ver-me-has, unindo-me a seu voto,
De suas illusões vestindo a máscara,
Enthusiasta orador da liberdade
Clamar, bradar vingança, guerra, e fogo,
Ostentar Mareio ardor, Romana audacia,
E de mim affastar quaesquer suspeitas.
Nem mesmo aqui, nem mesmo a qualquer outro
Que tu não fosses, Manlio, a quem d'ha muito
Alem do sangue uniu sancta amizade,
Minhas ideias imprudente ousára
Patentear descuidoso. Em ti confio
No segredo que exigem.

MANLIO.

Nem duvides:
Minha prudencia ha muito te é notoria.

S C E N A IV

www.SEMPRONIO.ao.cn

Miseravel! tua alma incerta, e vagia
 Entre o medo fluctua, entre a esperança;
 Nem sabe o que deseja. Ah! não: taes homens
 Nem de grandes ações, nem grandes crimes
 Capazes fez a ávara natureza.
 Meus designios porém... Cesar... ali! cumpre
 D'um homem, que aborreço, e que detesto,
 Desse Catão, desse ídolo de nescios
 Vingar-me em fim. O plano está formado:
 Executa-lo resta. Alma rebelde,
 Tu me opprimes c'o pézo aborrecido
 Dessas tuas virtudes! Quanto eu dera,
 E te podesse ver um crime n'alma!
 Mas, de Numidia o príncipe aqui chega;
 Com elle Porcio vem. Que odio execravel!
 Me excita este mancebo! Como affecta
 Do pae o tem sentencioso, e gráve,
 A pomposa virtude, o olhar austero!
 Cumpre dissimular, fingir com elle.

S C E N A V.

SEMPRONIO, PORCIO, JUBA,

PORCIO.

Alfim te encontro: ha muito te buscava.

SEMPRONIO.

Eis-me, ó Porcio.

PORCIO.

Abracemo-nos, amigo,

Abracemo-nos, sim, em quanto é dado,
 Em quanto somos livres. Ah! Sempronio,
 Por ventura á manhan nossa amizade
 Desta sorte exprimindo, nos seus braços
 Verá cada hum de nós misero escravô.
 Mas, que digo? A' manhan! Talvez, amigo,
 Este sol, que desponta, a vez extrema,
 Venha acclarar de Roma a liberdade.

SEMpronio.

Confias pouco nos supremos deuses:
 Teu venerando pae, suas virtudes
 Inda nos restão.

PORCIO.

Ah! meu pae não ousa

Só por si decidir nossos destinos.
 Suas nobres tenções, sua firmeza,
 Não podem vacillar huim só momento;
 Morrerá, porém livre: mas nem todos
 Com a alma de Catão os ceos dotárão.

JUBA.

E quem tão vil será?

PORCIO.

Não sei; mas vagão,
 Entre os soldados, entre os chefes mesmos
 Murmúrios, dissenções. Por esta causa
 Neste humilde logar meu pae ajunta
 Essas tristes reliquias de Pharsalia,
 A que ainda senado appellidamos.

JUBA.

Todo o esplendor da fastuosa Roma,
 Toda a sua pompa, gloria, e magestade
 Menos lustre, e fulgor, menor relêvo

Dera ao Senado, que a presença augusta
 Do sublime Catão. Sua virtude;
 Sua virtude só torna sagrado,
 Legitima, redobra em preço, em número
 Esse pouco que resta de Romanos:
 Sua virtude só no peito, n'alma,
 Dentro nos corações imprime, e grava
 Respeito, adoração; nutre, avígora
 A constância, o valor, a audacia nobre:
 Ella só nós da pátria moribunda
 Inimigos cruéis terror diffunde.
 A seu rígido aspecto Cesar mesmo,
 Cesar á frente d'invencíveis tropas
 Dessa tremendas, aguerridas hostes,
 Que os povos do universo aos pés lhe acurvão,
 Cesar triumphador treme, e vacilla.
 Ah! se em vez de fúe dar barbara pátria
 Nos torrados sérfoes da África adusta;
 Me outorgassem os céos nascer Romano!
 Se como tu, podésse, ó caro Porcio,
 Chamar-lhe pae... Ah! não; maior ventura
 Não podem nunes conceder na terra.

PORCIO.

Teu coração, amigo, te compensa;
 Nova pátria te dá. Nascer Romano
 E' glória só quando estremados feitos,
 Quando a severa, rígida virtude
 O sacro-santo nome desempenhão.
 Do vicio a nódoa, as máculas do crime,
 Não as podem lavar do Tybre as águas.

SEMPRONIO.

(á parte.) (alto.)
 Não posso ouvi-lo mais. Porcio, eu te deixo.
 Não tarda que o senado aqui se ajunte:

Antes que unidos venhão nossos fados
Decidir d'uma vez, quero inflamma-los,
E, um por um, excitar suas nobres almas.

www.libtool.com.cn
S C E N A VI.

PORCIO, JUBA.

PORCIO.

Por seus labios o teo lhes falle ao peito.
Mas tu, Juba, calado, e pensativo,
Fitas no chão os olhos carregados!
Que meditas?

JUBA.

Ah! Porcio, declarar-te
De minhas reflexões receio a causa.
Um secreto, cruel presentimento
Me faz desconfiar d'este Romano.
Illudo-me talvez...

PORCIO.

Grande virtude
E' a prudencia, amigo; mas não démos
A vãs suspeitas attenção funesta.
Assás, principe, assás nos sobrão causas
De dor, e de afflicao; em vão tentamos
Dissimular o horror de tantos males;
Em balde os olhos ao clarão fechamos
Do raio, que fulmina, e que ja troa
Sobre as nossas cabeças. Todo o esforço,
Toda a virtude de Catão não basta
O peso enorme a sustentar do fado.
E que pôde elle só contra a torrente
D'un povo inteiro, uma nação de escravos,

B

Que ao jugo correm submeter-se humildes?
 Em Uttica encerrado, triste chefe,
 D'um exército froxe, destroçado,
 Quasi incapaz de merecer tal nome;
 Que pôde ~~ver~~ esperar, que nos sobreja
 Dessa van sombra de senado, e Roma?

JUBA.

De teu augusto pae recorda, ó Porcio,
 A maxima sublime. E' nos vedado
 Dos decretos do seo sondar o arcano.
 Talvez... quem sabe!...

PORCIO.

Não, querido amigo;
 O mais tente vislumbre de esperança
 N'alma não me entra já. Cada momento
 Vejo esse mōnstro, que em sua ira os deuses
 Nas entranhas de Roma produzirão
 Para rasgar-lhas patricida filho,
 Para no sangue maternal cevar-se;
 Esse monstro, esse barbano tyranño
 Nossos muros estrar, e entrar com elle
 Ferros, escravidão, ludibrio, e morte.
 Morte! Ah! não penses, Juba, que a receio.
 Um filho de Catão, Porcio, um Romano
 Olha contente alevantar-se o golpe,
 Que á patria o sacrificia, o faz eterno.
 Mas, eu sou filho, Juba; e a natureza
 E'mais forte que Roma. Ah! resta ainda
 A coroar o horror de tantos crimes
 A morte de Catão. Tam negra ideia
 Não; não me é dado sem terror fitá-la.
 Como podeis juntar, supremos deuses,
 Tantas virtudes, com desgraças tantas?
 Como soffreis que a barbara fortuna

Ouse... Mas, se o soffreis, se ao crime os raios
 Retendes froxos na tardia dextra;
 Maior que ella, e que vós seja a nossa alma;
 Seja maior que a magoa o soffimento;
 De attornestantes se envergonhe o fado;
 E se cumpre ceder, cahir t'oa patria;
 Caiamos sim, mas homens, mas Romanos.

FIM DO ACTO PRIMEIRO.

ACTO SEGUNDO.

SCENA I.

CATÃO, MANLIO, BRUTO, SEMPEONIO,
Senadores, etc. etc.

CATÃO.

Padres de Roma, augustos senadores,
 Da patria moribunda unico apoio,
 Quanto ainda fôlgo de vos ver unidos,
 De contemplar em vós esses conscriptos,
 Que de sobre o tremendo Capitolo
 Repartirão os fados do universo,
 E aos reis vencidos, ás nações prostradas
 Derão c' o a espada leis, c' o as leis virtudes!
 Permiti, que a minha alma se demore
 Nestas ideias de passada gloria:
 Ah! por ventura pela vez extrema
 Se me outorga ante vós o recordá-las,
 E a derradeira vez goso a ventura
 De olhar-vos juntos, e vos ver Romanos.
 Sim, ó padres, assás gloria, e renome
 Coube a nossos avós; maior nos cabe,
 (Não duvideis) maior nos cabe ainda.
 Neste humilde logar, entre estes muros,
 Quasi cercados d'inimigas armas

Sobre nossas cabeças cada instante
 Vendo troar da tyrannia os raios.
 Sem accuryar ao peso do infortunio,
 Unidos inda pela voz da patria;
 O senado de Roma é mais auguste.
 Esta patria, ésta Roma o seu destino
 De vós espera agora; a vós só toca
 Decidir de seu fado. Cesar chega.
 Um exército, (sim: o horror do p'riso
 Dissimular não cumpre a vossos olhos,
 Nem diminuir o peso do sacrifício)
 Um exército forte, vitorioso,
 Formidável o segue, Escassas, poucas
 São nossas forças; debeis os reparos,
 Attenuados os muros. Que nos resta?
 Que nos conyem fazer? Como devemos
 Trattar esse homem temerario, ardido,
 Ambicioso, insaciável? A fortuna
 De seus crimes té qui proteje a infamia.
 Desculpai-me se avivo as vossas chagas,
 Se os horrores vos lembro de Pharsalia.
 Este dia infeliz lhe accurrou Roma.
 E a morte de Pompeu, o Egypto, e Nilo.
 Juba, Scipião cahirão por seu ferro.
 Sobre os areaes ardentes da Numidia,
 Ensopados, fumando em fresco sangue,
 Inda arqueijão talvez Romanos corpos.
 A cubiça d'imperio, que o devora,
 Que lhe incha o coração, lhe ralla o peito,
 Té as mesquinhas, torridas areias.
 Estes quémados, infructuosos plainos
 Da Lybia nos ipveja. Agora, ó Padres,
 Dizei: qual é vossa alma, as tenções vossas?
 Inda ousais defender a liberdade?

Firmes inda ém morrer, primeiro que ella;
 Inda ousais preferir a morte honrada
 Ao jugo, á escravidão? Ou já cançados,
 Fatigados do peso do infotunio,
 Baixos os ~~corações~~ ^{corações}, curvos á sorte,
 Dispastos vos sentis á..., Bruto falle.

BRUTO,

Eu voto a guerra; e a guerra só nos cumpre.
 Que! duvidar na escolha um só momento
 De morte, ou ferros, de ludibrio, ou glória,
 Homens, Romanos, senadores podem?
 Nada nos resta mais (bem sei) que a espada;
 Amontoadas legiões Cesar comanda;
 Mas a espada, que temos, é Romana,
 Mas as legiões, que o seguem, vis escravos;
 E pôde um cidadão tremer ante elles?
 Poucos somos, mas livres, mas ousados;
 No furer da paleja, quantas vezes
 Um só braço bastou a decidir-lá?
 E quantas um só golpe venturoso
 Longas victorias desmentir n'um dia?
 Uma vida tem; só, corpo os mais homens,
 (Se tal nome lhe cabe) esse tyranno,
 Cesar..... Ah! co'este nome em voços peitos
 Não serve a indignação, não pulla o odio?
 Não ouvis esses mares insepultos,
 Cujos honrados, venerandos corpos,
 Pasto deixado nos areaes da Lybia
 Forão aos monstros do aspera deserto?
 Não lhe ouvis os clamores de vingança?
 Mais de metade do senado augusto,
 De que vós só restais, lá jaz com elles;
 E este mesmo senado inda duvida,
 Pausado agita, frio delibera

Sobre a causa da patria... Ah não , ó padres;
 Não vale em lances taes razão , prudencia :
 Só pruduz o entusiasmo as acções grandes.
 Ei-los , nossos irmãos , sagradas victimas ,
 Ei-los , ~~bradando~~ de Pharsalia ainda !
 Que as chagas roxas do rasgado peito
 Nos appontão , nos mostrão , nos excitão ,
 Vêde-a , do gran Pompeu a sombra inulta ,
 Vêde-a , como nos fita despeitosa ,
 Como a trox da maldição os raios
 Quasi prompta ... Ah! mas vós , vós sois Romanos .
 Em vossos corações ja vejo a patria .
 Ja leio em vossos olhos a victoria ,
 Ah ! corramos amigos . Que mais resta ?
 Que temos a esperar ! A gloria , o' padres :
 Não esperemos que o inimigo ousado
 Venha em nossas muralhas atacar-nos ;
 Nós mesmo iremos , nós , o ferro em punho ,
 Por entre essas indomitas phalanges
 Longa abriremos sanguinosa estrada .
 Senão para a victoria , que nos foge ,
 A' gloria ao menos de espirar Romanos .

CATÃO.

Bruto , esse furor não é Romano .
 Cumpre exfôrço , valor , constancia rígida ,
 E não temeridade . Entre as virtudes ,
 E o vicio occulto , que lhes veste a máscara ,
 Pôz eterna barreira a natureza .
 Se a venda das paixões nos cega os olhos ,
 Seus termos , seus limites confundindo ;
 Vicios , virtudes indiffrente abraça
 O espirito agitado ; e em seu delirio
 Crimes perpetra por acções de gloria .
 Distingui-los , amigo , e a face augusta

Da virtude estremar do vicio occulto,
 Obra é só da razão: só della nasce.
 O nobre entusiasmo, o patriotismo;
 Que audaz mas firme, ardido mas prudente,
 Raios não troa, mas não teme os raios,
 Prigos não busca, mas não teme os prigos.
 Este valor, amigo, esta misadja
 Foi o dos Brutos, dos Scipiões, dos Fabios.
 Este é só da razão, só é Romano.
 Esses honrados companheiros nossos
 Por tanta ciatriz ennobrecidos,
 Que a espada tantas vezes empunhárao,
 Tanto sangue esparsirão por seguir-nos,
 Por defender da pátria a sancta cauza;
 De suas vidas acaso a mesma pátria
 Não confiou a nós cuidado, e guarda?
 E ousaremos assim por vão capricho
 A' nossa gloria van sacrificia-los?
 E entre as cohotes do feroz imigo
 Jr nós mesmos, mais barbaros do que elle,
 Tingir-lhe as lanças de Romano sangue?
 E Roma que dirá? E o mundo inteiro
 Não clamará que barbaros, que insanos,
 Só nos guiou frenetico delirio?
 Que mais de nossa gloria cubiçoses,
 Do que fiéis á della, a nossa morte
 A de mil cidadãos oustára a Roma?
 Que prodigos do sangue de seus filhos,
 Vaidosos, sem piedade o derramámos
 Por fazer nossa queda mais brilhante?
 Não, padres, não vos cegue a falsa pompa
 Dêsse heroísmo vão: sejamos homens;
 Que homens somos, primeiro que Romanos.
 Manlio, os teus sentimentos livremente
 Expõe agora.

MANLIO.

A grandes desventuras
 Nos reservatão despiadosos fados.
 Infeliz quem, no choque tumultuário
 De civis dissensões, o pôz a sorte
 Ao mui difícil leme do governo.
 Nesse arriscado, perigoso empenho
 E' dos desastres o menor a morte.
 Das marulhosas vagas açoutada
 Vacilla a nau do estado; e' é força em breye,
 Se lhe não accalmar contrario vento.
 Nas sorvedouras syrthes affundir-se.
 Embora empregue sabedoras artes
 O piloto infeliz; que hão-de imputar-lhe,
 Hão-de fazer-lhe da desgraça um crime.
 Erra de orgulho, falha de vaílade
 Quem presume guiar com mão certeira
 O tropel desvairado, e tumultuoso
 D'uma revolução. Rebenta subito
 Em turbilhões torrente impetuosa;
 Que arrasta, e leva planos, e projectos;
 E c' o homem que os urdiu, os roja ao abyssmo.
 Cenfeço, o' padres; timida a minha alma
 Não fita sem horror tam negras scenas.
 Pela patria morrer sei que é virtude;
 Mas pede Roma a caso a nossa morte?
 Pode-lhe ella atrazar um só momento
 A inevitável quela? O nosso sangue,
 No mar da escravidãogota invisivel,
 Adelgaçar-lhe os ferros, que a agrilhoão?
 Derrubando as columnas vacillantes,
 Que o edeficio ruinoso escorço
 Da Lacia liberdade; essas ruinas
 Não desabão mais presto ao precipicio?

Co'a nossa morte Cesar satisfeito
 Hade a espada embainhar, depor o sceptro?
 Ser-lhe-hão degraus para descer do throno
 Os cadaveres nossos? Não, o' padres;
 De tacs futuros não me illude a esp'rança.
 Pesa a severa mão d'alta justiça
 Sobre o orgulhoso collo dos Romanos:
 Da nossa liberdade o altar cruento
 Na alheia escravidão foi cimentado;
 Livres, fomos lançar grilhões ao mundo,
 E as temerosas aguias desferirão
 O vòo assustador do Capitolio
 Ao sopro da ambição. São esses ferros,
 Com que os povos da terra agrilhoámos,
 Que hoje revertem para os pulsos nossos,
 Tarde ou cedo reduz justo castigo
 Povo conquistador a povo escravo.
 Quem atropela as leis da natureza
 Não deve os foros seus gosar tranquillo,
 E sempre, ... Mas, o horror de nossos crimes
 Basta de recordar; cumpre ameigar-lhe,
 E não exacerbar da patria as dores.
 Cesar vence, e triumpha; e ao mundo inteiro
 Uttica resta só. E Uttica pôde
 Salvar o mundo? Não. Alligeirar-lhe
 A certa escravidão? Sim; pôde, e deve,
 No naufragio geral uma só taboa,
 Que se possa afferrar, conduz ás vezes
 (Embora moribundo) á praia o nauta;
 E o que fiou dos braços vigorosos
 Experto nadador sua esperança,
 Mais vezes inda cança, esvai-se, e morre.
 Toca-vos escolher. Voto, que a Cesar
 Se envie legação, paz se proponha;

Vejamos se um trattado pôde ainda
 As reliquias salvar da liberdade; .
 Ou antes, embotar á tyrannia,
 Pouco quo seja, o gume assaualado.
 E'morta Roma, sim, morta de todo:
 Aos filhos orphaos salve-se-lhe ao menos
 Um reñalho sequer da patria herança.

BRUTO,

Acabaste?

MANLIO,

Acabel

BRUTO.

Ves este ferro?
 Romanos como tu igual resposta
 De mim só levão.

CATÃO,

Temerario, um ferro

Arrancaes nestes sítios? Ao senado
 Este o respeito? Assim a magestade
 Acatas da republica? Lictores,
 O ipsensato expulsaí; não mais profane
 Tam sagrado logar.

MANLIO,

Eu lhe perdoô,

CATÃO,

Mas não perdoa Roma, Nas cohortes
 Sirva raso peão, em quanto ainda
 O castigo cabal dar a seus crimes
 A curia não appraz.

BRUTO,

Humilde ob'deço

A's vozes de Catão.

CATÃO,

A's do senado.

BRUTO.

O senado?... Pois sim; que me castigue.
 Tudo pôde tirar-me; a mesma vida,
 Menos do coração alma Romana.

www.libtool.com.cn

S C E N A II.

CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO, Senadores, &c.

MANLIO.

Jnpetos juveniz: alma de fogo
 O cerebro lhe escalda.

CATÃO..

Manlio, agora

Ja nos não ouve Bruto... As razões tuas...
 Eu tâobem sou Romano... mas sou homem;
 Responderei sem ferro. Tu pertendes
 A ti proprio illudir-te. Queres inda
 Do precipicio ás bordas escarpadas
 Não lhe ver todo o horror. Ja vais de rôjo
 Pelo despenhadeiro, e cuidas inda
 No meio da cahida segurar-te?
 Enganas-te: é forçoso ás fauces delle,
 Ou de salto atrevido alem transpor-se,
 Ou sem recurso baquear-lhe ao centro.
 E' uina, é uma só a liberdade,
 Indivisivel sempre; se uni só ponto
 Roubar-lhe intentas; ella que te fage
 Para mais a não ver. Roma (tu dizes)
 Não quer a nossa morte; não por certo.
 Porém que ideia fórmas tu da vida?
 Vivem acaso em ferros os Romanos?
 Não morre o homem quando vive & escravo?
 E quem te diz que o orgulho d'um tyranno,

Que imagina, um dom seu deixar viver-te,
Não hade nu'm momento de capricho
Da dadiva enfastiar-se, e num só golpe
De ferteo [www.11book.com.nh](http://WWW.11BOOK.COM.NH) reduzir-te ao nada?
E vida tal appreçia-la podes?
Tam precaria, miserrima existencia
Vale o momento de morrer com honra?
Votas, que a Cesar legaçao se envie:
Quero que a acceite, quero que inda possas
Co'esse phantasma vão d'um vão trattado
Salvar isso, que chamas as reliquias
De nossa liberdade. Que cegueira!
Libras sobre a palavra d'um tyranno
De liberdade esp'râncias! Tu confias
Thesouros de valor nas mãos do avaro?
Que fé pode guardar quem fés quebranta?
Que trattados manter quem leis despreza?
Roma não tinha leis quando Tarquinio
De cidadãos Romanos fez escravos?
Phantasmas esses são de liberdade,
Que, nem phantasmas, mais do que horas durão.
Todo o veo da illusão se rasga em breve,
Cai-lhe o postigo manto mal seguro,
E em todo o hortor da morte se descobre
Da escravidão d'livido esqueleto.
Não: de remedios taes eu não confio:
Ou liberdade, ou morte: eis o meu voto.

S C E N A . III.

CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO, PORCIO,
 www.libertadores.com.cn

PORCIO.

A's portas da cidade se appresenta
 Embaixador de César: pede audiencia.

SEMPRONIO:

De Cesari!

MANLIO:

Ei-lo a paz que vem pedir-nos.

CATÃO:

Ou traga guerra, ou paz: entre, e se escute.

S C E N A . IV.

CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO, Senadores.

MANLIO.

Queres ouvistlo?

CATÃO.

E por que não?

MANLIO.

Discordá.

Condescendencia tal dos teus principios.

CATÃO.

Principios meus! Os da razão só tenho.

E' devcr escutar aos homens todos.

Enthusiasta não sou: e da virtude

Anda sempre mui longe o fanatismo.

S C E N A V.

CATÃO, MARLIO, SEMPRONIO, DECIO.

MARLIO.

E' Decio o embaixador

CATÃO.

Decio: que vejo !
Um senador Romano ! Oh vista indigna !

DECIO.

A Catão saudar Cesar envia

CATÃO.

Catão não vejo aqui, vejo o senado.
Eu Cesar não conheço.

DECIO.

Invicto, e grande,
Triumphador do mundo a ti me envia.
Suas hostes em frente destes muros
O signal só aguardão da peleja,
Antes o da victoria. Mas prezando
De Catão as virtudes, Cesar treme
De ficar vencedor a vez primeira.
No accurvado universo és tu somente
Quem ao poder resiste do seu braço.
Por tal competidor d'orgulho ufano.
Teme acabar sua gloria n'um triunpho.
Triumphar de Catão, Cesar deseja
Mas não co'a espada. Generoso outorga
Aos companheiros teus por teu respeito
Amnistia geral: dadiva tanta
Por condicções só tem, Catão amigo.

CATÃO.

Diceste ?

(32.)

Décio

Disse.

Catão.

Julio nada envia

A dizer ao senado?

Décio.

Nada.

Catão.

Parte.

Décio

Mas.....

Catão.

Ja to disse: eu Cesar não conheço.

Décio.

Catão, ouve um momento. Os teus amigos
Queres sacrificar? Queres tu mesmo

Desafias do vencedor as iras?

Quando elle generoso vem propor-te
A desejada paz, nem ouvir queres

As condições.....

Catão.

As condições são estas.

Desarme as legiões, deponha a purpura,
Abdique a dictadura, á classe torne

De simples cidadão, e humilde aguarde

Do senado a sentença. Então eu mesmo,

Quamto inimigo fui, cordeal amigo

Seu defensor serei: por elle em Roma

Minha voz pronta sempre aos infelizes

Heide erguer, supplicar; e de seus crimes

O perdão alcançar, volvê-lo á patria.

Décio.

Mas ve que.....

CATÃO.

Nada vejo.

DECIO.

www.libtool.com.cn ignoras

Quem César nomeou á dictadura?

Qua o senado de Roma?

CATÃO.

Esse senado

E' vil rebanho de mais vis escravos;

Nem ás margens do Tybre existe Roma.

Eu, e os que vés, nós somos o senado;

E em nossos corações é que está Roma.

Dizei, ó padres, ao tyranno Cesar

Votais a guerra, ou paz?

Todos (excepto Manlio)

Guerra.

CATÃO.

Ouviste?

DECIO.

E vós, que vos chamais os paes de Roma,

Os dias de Catão, em nada os tendes?

Tam preciosa vida

CATÃO.

A minha vida

E'a vida de Roma; e os meus dias

Vinculárão os ceos aos dias della.

SEMPRONIO.

E com que audacia tu, com que suberba

Contas assim tam certo co'a victória?

Com tal despejo, tão seguro fallas,

Como se a todos nós já sobre o campo

Víras extintos, ou em ferros víras.

Ja supplices nos cres aos pés de Cesar?

Ja por escravos teus nos imaginias?

De nossas fôrças quem te disse o estado?
 Temos armas, e braços de sobejo,
 Que essas suberbas legiões rechassem.

www.libCatão.com.cn

Um Romano, Sempronio, nunca mente.
 Decio, não temos nada: debeis, poucos,
 Moribundos soldados nos defendem.
 Frageis muralhas entre nós, e a morte
 Intermeião apenas. Pouco resta.
 Para a espada de Cesar. Mas não julgues
 Tam facil assim mesmo essa victoria.
 Em quanto aqñi não resfriar de todo
 No sangue de Catão, de Roma o sangue;
 Em qnanto a dextra a segurar um ferro,
 Em quanto os labios a bradar vingança
 Ne deixarem os ceos.... só, desvalida
 Não ficará de Roma a liberdade.

FIN DO ACTO SEGUNDO.

www.libtool.com.cn

ACTO TERCEIRO.

S C E N A I.

BRUTO, DECIO.

Não aporfies mais: eu não recebo
Mensagens d'um tyranno.

DECIO.

Se souberas
O que encerra esta carta

BRUTO,

Emcerre embora
Os thesouros do mundo. Eu não a acceito.

DECIO.

Bruto, dá-me attenção: do teu amigo

BRUTO.

Amigo tu!

DECIO.

Outrora mo chamavas.

BRUTO.

E quanto me enganei!

DECIO.

E eu que esperanças

Não concebia das virtudes tuas!

BRUTO.

Tufallas em virtudes! . . . tu! . . .

DECIO.

E pensas

Tu, de Catão discípulo orgulhoso,
 Que avara a natureza os seus thesouros
 Só os gastou com voso, e aos outros homens..

BRUTO.

Homens!.. Homens sois vós?

DECIO

Mui falsa ideia

Fizeste da virtude; amena, e doce,
 Não aspera, selvagem, desabrida
 A creárho os ceos: ao peito humano
 Foi dadiva, e mercê, não foi castigo:
 Nem é de fera o coração do homem.

BRUTO.

E eu, por que homem sou, não quero ouvir-te.
 Essa arte insidiosa, enganadora,
 Parto da escravidão, e da baixeza,
 Que eloquencia chamais, ignoro-a, odeio-a;
 Não a sei praticar, não quero ouvi-la.
 Quando nossos avós, austeros guardas
 Da patria liberdade, se oppuzerão,
 A que artes Gregas na severa Roma
 Ousassem metter pé; esses Romanos
 Bem lhe entrevião males encubertos
 Na apparente belleza. Vãos enfeites
 Natural formusura abafão, cobrem
 Da singellez da candida verdade.
 Poetas, oradores destruirão,
 Effeminárho o viril aspecto
 Da Rómâna virtude. Aos homens todos
 Lhes deu um livro só a natureza,
 O proprio coração.

(27)

DECIO.

E nesse livro
Achas ferocidade uma virtude ?

BRUTO.

N'uma palavra só, questões deixemos ;
Essa carta é de Cesar ? Não a aceito.

DECIO.

Vê o que fazes : librão nesta carta
Talvez futuros fados dos Romanos.

BRUTO.

Como !

DECIO.

Ouve : de Catão (bem o conheço)
Temes a rigidez ? Pois bem : a elle
Vai tu mesmo levá-a : elle que a leia.

S C E N A II.

BRUTO so'

A Catão.... esta carta.... E eu recebi-a !....
Não me illudes, escravo : ei-la, que a rasge.
Que faço !.... ella de Roma encerra os fados.
Que importa ! encerre os fados do universo.
E d'um tyranno : rasgo-a.

S C E N A III.

BRUTO, CATÃO,

CATÃO.

BRUTO.

Bruto ?

Oh deuses !

(38)

CATÃO.

Que fazias aqui ?

BRUTO.

www.libtoei.com.br
Não a quiz... resisti... foi quasi á força...
Começada a resgar....

CATÃO.

A estes sitios
Como ousaste voltar ? com que licença ?

BRUTO.

Ordens do centurião....

CATÃO.

Que carta é essa ?

BRUTO.

Decio....

CATÃO.

Decio !

BRUTO.

Dê Cesar....

CATÃO.

Que puço !

BRUTO.

Ah....

CATÃO.

Dá-ma,

(le)

„ Cesar a Bruto. O coração não sofre
„ Ocultar-te mais tempo o arcano (oh deuses !)
„ Dos vínculos... que me unem (ceos !) a Bruto.
„ Tu... és... meu filho... saberás o resto
„ Nos braços paternais... tem, tem, meu filho,
„ Ajudar-me a reinar sobre o universo. ”

(silêncio longo)

BRUTO.

Perfido ! mente. Eu filho d'um tyranno !
 Este sangue...

CATÃO.

www.EbookClassical.com.cn (silencio)

BRUTO.

E' Romano... (quer ferir-se com a espada)

CATÃO.

Filho ! ... Tu és meu filho... (tirando-lha)

BRUTO.

Pae ! ... Não ; outro
 Deuses, deuses crueis ! não podeis dar-mo.

CATÃO.

Sim, sim ; eu sou teu pae : de tenra infancia
 Como a filho (e que filho !) te amei sempre.
 Eu te formei essa alma de Romano,
 Que lagrimas... oh ! lagrimas de gosto
 Me faz verter agora. De teus dias
 O segredo occultei, em quanto o pude.

BRUTO.

Que ! filho eu sou ?

CATÃO.

De Cesar. (silencio)

BRUTO.

Dá-me o ferro.
 D'este sangue uma gota, uma só gota
 Não, não deve ficar sobre o universo.

CATÃO.

Basta : meu filho és, filho de Roma ;
 Teus paes são estes.

BRUTO.

Gesar...

CATÃO.

E' um monstro.

Mas . . .

CATÃO.

Não é crime o acaso. Ouve-me, Bruto,
 Ninguem ao despontar da juventude
 Annunciou talentos mais brilhantes,
 Do que Julio mancebo. Na sua alma
 De Romana grandeza, de virtudes
 Desenvolvia o germe esperançoso.
 Que tam mal prosperou, que tanto soube
 Illudir-nos, cegar-nos. O perverso
 Só se valeu dos lucidos talentos;
 Que em dom fatal lhe deu a natureza,
 Para os fazer servir a seus projectos
 D'avareza, ambição, de tyrania.
 Em quanto a van grandeza de sua alma
 Nos fascinava os olhos; entretanto
 Que de suas virtudes mentirosas
 Nos deslumbrava a candidez fingida;
 Manhosa serpe no dobrado peito
 A peçonha nutria de seus vicios;
 No refalsado coração lhe ardia
 A negra tocha de execraveis crimes.
 Do popular favor ja precedido,
 Caro a patrícios, a plebeus, e a grandes,
 O ídolo de Roma era então Cesar.
 Todos nelle agouravão firme esteio
 Da patria, que d' então ja começava
 A baixar de valor, cahir de gloria.
 Cenfeço: eu proprio me ceguei com elle:
 Amei-o . . . amei-o tanto como a filho.
 Como a meu coração, minha pousada
 Franca sempre lhe foi. . . E o monstro. . . o monstro
 Fingia amar-me; parecia, ao vê-lo

Nomear-me seu pae tam docemente.
 Que me adorava o perfido.— Servilia...
 Oh lembrança de magoa, e de tormento!
 Servilia, minha irmã por essas eras
 Dava mate ás bellezas mais falladas
 Da capital do mundo: Pura, e simplez
 Sua alma era mais candida do que ella.
 O coração, que o rosto debuxava,
 Era a mesma innocencia. Viu-a o perfido;
 Viu-a; attractivos tantos o prendêrão.
 Sem dó de mim, sem mágoa da innocent.
 Intentou seduzi-la, e deshonrá-la.
 Poupa-me o resto... A timida donzella
 Inexperta cahiu no laço indigno.
 Dêsse horroroso amor tu foste o fructo;
 E a victima infeliz nas ancas crugas
 D'algoz remorso definhou em breve.

BRUTO,

E elle?

CATÃO.

Abandonou-a.

BRUTO,

E tu?

CATÃO.

Eu pade

Vencer comigo o não morrer de pejo...;

BRUTO.

E esse monstro é meu pae?

CATÃO.

Gerou-te.

BRUTO.

Oh deuses!

CATÃO.

Deves-lhe o dom mesquinho da existencia.

Eu fui quem te eduquei; tu és meu filho.
Para os foros de pae ha mais deveres;
E quem nunca os cumpriu, pae não é esse.

BRUTO.

Mas... filho delle...

CATÁLOGO

Filho é só de Roma."

ВВПТО

Devo . . .

CATÃO.

Ser cidadão

BRUTO

ELLE

ERIC . .
CATS

Um 'tyranno

E' algoz, não é pae.

BRUTO.

Oh Roma, oh Roma!

CATÃO

Aonde vais?

ВВИТО

Aonde?

Vou desafiar de Cesar os fúneres:

— Vou deixar de Cesari e, talvez,
Vou lançar-me por entre as hostes suas;

Procurá-lo, buscar-lhe á espada o gume;

Guia-lha ao coração, mostrar-lhe o peito,

Onde deve ferir: o sangue impuro.

Que delle recebi elle que a verità :

E, se o crime o fez pae, o crime extinga.

o nome horrivel

SHE, NOT

CATIO

E Roma?

Brutto

BRUT

Manda-te que vivas.
Catão em nome della é quem to' ordena.
Adeus.

www.libtool.com.cn

S C E N A . IV,

BRUTO so.
Ordena-o Roma, ... sim : eu vivo,
Mas este sangue ... Oh sangue abominavel !
Em sacrificio á morte estás votado.
Um de nós ... negra ideia ! ... Oh natureza,
Quando a patria folgar ... Ah ! gême embora.

S C E N A . V.

BRUTO, SEMPRONIO, JUBA.

JUBA,

Viste Décio ?

BRUTO.

Ochalá que nunca o víra.

JUBA.

Porque ?

BRUTO.

Não sei : adeus.

S C E N A . VI.

SEMPRONIO, JUBA.

JUBA.

Que enigma encerra

Este ditto de Bruto ? Ah ! talvez ...

SEMPRONIO.

Tudo

Te faz desconfiar ! Príncipe, deixa.
 Deixa uma vez o genio suspeitoso.
 Não; não vacilles mais: quanto te hei ditto.
 E certo; bem o vês. Trama insidiosa
 Em Utica se forma. Esses malvados
 Do dia ao feneçer querem as portas
 Abrir ao dictador; e no tumulto
 Catão assassinar. Da vil perfídia.
 Os covardes authores bem ao certo
 Não os conheço. Que imprudente eu fôra.
 Em circunstâncias taes fazer patente
 Ao senado, a Catão minhas suspeitas;
 Príncipe, bem o vês. Desconfianças,
 Incerteza cruel acabarião.
 De desunir de todo os pobres restos
 Da agonizante Roma. Tu conheces.
 De Catão a franqueza. Em meio aos prigos.
 Nada sabe temer, nada receia.
 A politica sua aberta, e franca
 E tal como a sua alma: os seus projectos.
 Patentes sempre são. Ignora, odeia
 Essa que chamão arte de governo.
 Mas ah ! quam mal os deuses collocárão.
 Neste universo d'hoje homem tamanho !
 Os séculos de crime, em que vivemos,
 Nem delle dignos são, nem elle é delles.
 Cercada de artifícios, de maldades,
 E fôrça que a virtude lhes succumba;
 Se artifícios tambem (Que os ha com hora)
 Não souber cautelosa oppor-lhe a tempo.

JUBA.

Perdoa-me, Romano: ah ! de tua alma
 Outrora eu duvidei. Tuas virtudes,
 Injusto, appreçá-las não as sube.

Amigo, tens razão: por tua bôca
 Falla a prudencia. Ah! dize-me, aconselha-me
 O que devo fazer; de que maneira
 Cumpre atalhar a ~~barbara perfidia~~
 Minha espada, meu braço, as minhas tropas,
 Tudo está prompte: falla.

SEMPRONIO.

Antes de tudo,
 Inviolavel segredo é necessario.
 Nem Porcio, nem Catão, ninguem o saiba;
 Ou baldamos trabalho,

JUBA.

Mas, . . .

SEMPRONIO.

Depende
 Todo o exito daqui. Dá-me a tua dextra:
 Ninguem . . .

JUBA.

Morre comigo o meu segredo.

SEMPRONIO.

Pois bem. As portas velão do Occidente
 Soldados teus. Romano algum com elles
 Não vigia esta noute. Mal comece
 A engrossar-se o crepusculo da noute,
 Caladamente com tuas tropas marcha
 A embuscar-te detraz daquelles combros.
 Que á esquerda vês não longe da cidade.
 Dalli, quando seguras avançarem
 Do dictador as hostes, repentina
 A rectaguarda subito lhe certas:
 Em tanto nós á frente os atacamos;
 E o que julgão victoria inevitavel.
 Ser-lhe-ha talvez miserrima ruina.

JUBA.

Amigo, amigo! oh ceos! que grão ventura.
 Se Roma eu posso libertar ainda;
 Se os dias de Catão salvo ditoso;
 Se esse monstro, esse horror da natureza,
 Esse tyranno Cesar posso eu mesmo
 C'o este braço immolar aos patrios manes!
 Oh! meu pae, oh! dirige o golpe arrido,
 Leva-lho ao coração dêsse malvado!
 Holocausto d'asperrima vingança,
 Oh Cesar, eu te voto ás sombras negras
 Do averno... que os tormentos ja prepára.
 Das furias, que os açoutes ja sacodem...
 Vamos, amigo vamos...

SEMPRONIO.

Mais prudencia,
 Mais sangue frio é necessario, ó principe:
 Porcio para aqui vem: disfarça, occulta;
 Ou perdido verás...

JUBA.

Nada receies

S C E N A VII.

SEMPRONIO, JUBA, PORCIO.

PORCIO.

C
aro principe...

JUBA.

Amigo
PORCIO.

Em sum os deuses

Decretáro de Roma; e o fado iniquo
 Aos dias de Catão... Ideia horrivel!
 Oh! não; não te verei dia de magoa:
 Não tenho coração, que soffra tanto.
 Antes que ouse attentar aos dias delle,
 Primeiro neste peito a morte crua
 Hade ensaiar o golpe. Sim, primeiro...
 Sim venerando pae; ao reino escuro
 Eu te irei esperar: meus tristes olhos
 Não te hão-de ver no instante derfadeiro
 Fitar ainda à moribunda Roma;
 Nem ja por entre os labios descorados
 Ainda sussurrar da patria o nome,
 Principe, um não sei que me diz ao peito
 Que este adeus é talvez o derradeiro,
 Que me é dado dizer-te. O meu amigo,
 Cá te deixo inda mais ~~deixa~~ minha alma,
 Um pae, Juba, e que pae! Oh! não o deixes;
 Oh! não o desempares um momento.
 Tu conheces Catão: sua alma nobre
 Não se deixa vergar; seus pulsos livres
 Não sofrerão grilhões; e o braço firme
 Primeiro ao coração... caros amigos,
 Oh! se podeis, rettende-lhe esse golpe;
 Oh! lembrai-vos de Porcio nesse instante;
 Recordai-vos da patria... Ah! que essa patria
 E' quem mo rouba, é quem mo sacrificia.
 Não, tyranno; que és tu... oh! Cesar, Cesar!
 Oh malvado! este ferro inda é Romano.
 Juba, Sempronio... adeus.

JUBA.

Não, caro Porcio;
 Não vejas detam perto esses horrores.
 Tenho esperança ainda... E tu, Sempronio

(48)

Comigo não a tens?

SEMPRONIO.

Principe!

JUBA.

Amigo,

Tão bem um não sei que me diz ao peito,
Que hão-de nossos destinos melhorar-se,
E que ainda de todo os sanctos deuses
De sobre nós a dextra omnipotente
Despiedados, crueis não retiráão.

PORCIO.

Inutil esperança!

JUBA.

Os ceos são justos.

PORCIO.

São justos! Ah! são justos; e a virtude
Abandonão assim assim do crime
Escrava a deixão soluçar nos ferros!
Oh deuses, se quereis que vos adorem,
Se incenços de mortaes, se humildes rogos.
Se victimas quereis, se altares, templos;
Fazei-vos conhecer, mostrai-vos numes:
Amparai a virtude, e aes vossos raios
O impio descore só, trema o malvado.

FIM DO TERCEIRO ACTO.

www.libtool.com.cn

ACTO QUARTO.

S C E N A I.

MANLIO, *Soldados*, *alguns presos*, &c.

MANLIO.

Oh cúmulo de horror! Oh gente indigna! Restava iúda ésta nódoa ésta vergonha Para enxovalhò nosso! Roma! oh Roma! Ahi tens os teus heróes. Catão, são esses; Ei-los; da liberdade os defensores!

S C E N A II.

BRUTO, MANLIO, *soldados*.

BRUTO.

Perfidos!... Ah! covardes!... Mas tu, Manlio! Tu com elles tambem!... Não me enganava, Não me illudiá eti. Ihdigno, agora, Agora nós veremos se essa espadã Como a lingua tu sabes!...

MANLIO.

Bruto, ainda
Esse louco furor não morderaste?
Impetuoso mancebo, enfreia as iras;
Se homem uma vez,

S C E N A III.

CATÃO, BRUTO, MANLIO, soldados.

www.libtool.com.cn

CATÃO.

Filhos de Roma,

Que é isto? que fazeis? que intento é o vosso?

Rebeldes vós, traidores os Romanos!

Manlio, Bruto, fallai: que insania é esta?

O traidor onde está? quem é? dizei-mo.

BRUTO.

O traidor?... esse infame...

CATÃO.

Bruto!....

BRUTO.

E' Manlio.

CATÃO.

Manlio eu comheço: basta; não insultes

Com vil suspeita um senador Romano.

Mas, Sempronio onde está? Juba? meu filho?

BRUTO.

Não sei: eu no tropel embaralhado
De fugitivas tropas, dos rebeldes,
De combatentes, mortos, de feridos;
Nada vi, nada sei; só sei que a espada
Sobejos imolou á liberdade.Só vi covardes peitos, que ferisse.
A vingança, o furor, a ira, as fúrias
Só para o ferro me deixáram olhos.
Rapido foi o choque, mas cruento;
Jaz socegado enfim: os vis traidores,
E dé Cesar as tropas, que os seguião,
Ou salváram co'a fuga as torpes vidas,
Ou presos jazem, ou no campo mortos.

(67)

CATÃO.

Manlio, mas tu ! ... tu emmudeces ? falla.
Mata-me esse silencio.

www.libri.pt/MANLIO.htm

O meu silencio ! ...

Ah ! deixa-mo, Catão ! Oh ! não desejes
Ve-lo quebrado.

CATÃO.

Que ! Porcio ? meu filho ? ..

Acaso ? ...

BRUTO.

Porcio ! Combateu comigo ;

E combateu Romano. A sua espada
Ao meu lado, mil golpes desferia,
Que invejára Scipião.

CATÃO.

E Juba ?

BRUTO.

Juba ...

Não me lembra de o ver.

CATÃO.

Que escuto ! ... Manlio,
O principe ? ...

MANLIO.

Ah ! não falles nesse monstro ;
Foi traidor como um barbaro.

BRUTO.

Elle ! ... O sangue
Não desmente das obras. Um tyranno,
Quando deixa de o ser, é sempre escravo.

CATÃO.

Ceos, guardaveis-me ainda o golpe acerbo
Para o meu coração ! ... Fado inimigo,
Não ; não consegues abalar-me o peito.

E Sempronio ?

MANLIO.

Pois que ? Ignoras inda
Que o ~~author~~ da traiçao foi esse infame ?

BRUTO.

Sempronio ! Ha poucas horas á mim mesmo
Se me gabou que ousara no senado
A Decio desafiar, e que...

CATÃO.

Apprende ;
Bruto, dahi a conhecer os homens.

O valor verdadeiro não se tuffana ;
Não blasona atrevido; A espada cinge ;
Mas só no campo de que a tem se lembrar.

MANLIO.

Ah Catão ! dize agora ; que esperanças
De Roma tens ainda ?

CATÃO.

Eu tenho as mesmas.

MANLIO.

As mesmas !

CATÃO.

Sim ; as de morrer com ella.

BRUTO.

Mas primeiro imolar ao negro averno
Em holocausto , perfidos , tyraunos.

CATÃO.

Vingança ! E para que ? que dás á pátria
Nesse holocausto inutil ?

BRUTO.

Tu lhe chamas

Inutil ? O atro sangue d'um tyranno
Sobre o altar esparzido á liberdade
Inutil pôde ser ? A mão ditosa

Que o ferro embebe no malvado peito,
 Que lhe descose as perfidas entranhas,
 E vai ao coração buscar-lhe a vida,
 Para cortar-lhe o fio negregado,
 Não é mão d'um heroe? Ha sacrificio,
 Que apprava mais aos deuses justicosos?
 Oh! que ha vingança, que também é numen,
 Da liberdade a arvore não cresce,
 Se a não regar dos despotas o sangue.
 Embora a plantes, não lhe vês o fructo:
 Hade te ir desfinhando a pouco, e pouco,
 E da heivada raiz hão-de brotar-lhe
 As parasitas plantas, que mui breve
 Gigantes crescerão, e hão-de assombrar-te.
 Vingança! — Eu sempre vi esses Romanos,
 Raios da patria, esmacos de virtude,
 Imitados por ti, por ti citados,
 Sempre os vi abrazados de ira sancta,
 O cutello da lei brandindo ao crime,
 Ferir sein dó, e derramar sem pena
 O sangue dos malvados, que attentavão
 A magestade augusta da republica.
 Mais nomes não direi: Bruto....

CATÃO.

E que sangue

Bruto esparziu? qual foi sua vingança?
 De sua voz aos brados formidáveis
 Fugiu de Roma a týrannia, o crime.
 E essa voz, que trou no Capitolio,
 E que hade eterna ressoar no mundo,
 Que os vis Tarquinios expulsou de Roma,
 Os braços não armou, não ergueu ferros
 Para lavar dos despotas no sangue,
 Os crimes desses monstros. Sua espada

Só desembainhou para affasta-los.
 E não para feri-los: nesses tempos
 (Eras ditosas, que não mais veremos!)
 A Romana altivez o nobre orgulho
 Perdoava generoso, e desdenhava
 De enxovalhar o ferro em sangue indigno.
 Sangue correu então; mas qual? Seu proprio.
 Seu proprio ás mãos do algoz jorrou na terra,
 Quando os filhos indignos sacrificia
 A merecida pena, á morte justa.
 Mas privado juiz não foi, nem delles.
 O cutello das leis é que os imola.
 Um tyranno é sem dúvida na terra
 O malvado maior; mas nem por isso
 Te é livre de julga-lo, e de puni-lo.
 Tens magistrados, leis, e tens algozes.
 Se daquelles usurpas os direitos,
 Criminoso és tambem. E o negro officio
 Do ultimo assumir, julga-lo accaso
 Acção condigna a um cidadão Romano?
 E que fructo da patria ao bem resulta
 Com lhe ficar um despota de menos?
 Vanglorioso do golpe, que vibraste,
 Cuidas que o monstro feneceu com elle?
 Enganas-te; as cem frontes dessa hydra
 Se reproduzem sempre, e dobrão, crescem.
 Por uma, que decepas, mil te surgem;
 Mal, que julgavas extinguir de todo,
 Então se agrava mais.

BRUTO.

Pois que? serenos

Veremos desabar no abysmo a patria?
 E indiffrentes, no meio a seus desastres,
 Tranquillos a veremos affundar-se

No mar da escravidão? Anciada embora
 Supplices mãos estenda aos filhos caros; .
 Que esses fillios virtuosos não se atrevem
 A perpetrar um crime por salva-la.
 E' virtude (confesso) que me admira,
 Que ja mais conheci.

CATÃO,

Na tua idade

Respeitão-se os anciões, ouve-se, e apprende-se.
 Mancebo, escuta, Libertar a patria,
 Votar-lhe (se é preciso) a propria vida,
 Não é mais que dever; grande heroísmo,
 Acc^e de gloria, nisso não vejo.
 O homem, que assim obrou, foi homem d'honra,
 Cumpriu sua obrigação. Mas outros meios
 Tem de empregar mais certos, mais seguros
 Quem se abalança a impresa tam difícil,
 Se baldos não quer ver cuidado, e riscos.
 Corte pela raiz á tyrannia;
 Aos seus concidadãos mostre a vereda,
 Que ao alcaçar conduz da liberdade,
 Não coberto de espólios sanguinosos;
 Mas puro sempre, e candido como ella.
 Salve-os das convulções, da crise horrivel,
 Que as populares commoções arrastão.
 Moderação, e paz reine em seus labios:
 Generoso perdoe, austero puna;
 Mas pelo orgão da lei, mas só com ella.
 Os pendões hastear da liberdade
 Nas ameias da horrifica discordia,
 Grito amotinador alçar aos povos,
 Para os deixar no cahos da anarchia
 Mutuamente, e á porfia destruir-se;
 E' querer lacerar o seio á patria,

Sem jamais a salvar.

MANLIO.

Homem como este,

Ceo, creaste-o jamais? tu viste-o, mundo?

BRUTO.

Mas, que tumulto é este? . . .

S C E N A IV.

CATÃO, BRUTO, MANLIO, SEMPRONIO, JUBA,
Soldados &c.

CATÃO.

Oh! céos! Que vejo!

Sémpronio em ferros! Juba! . . .

BRUTO.

Infames!

CATÃO.

Bruto,

Explicai-me este enigma: devo a caso
Vér um traidor n'um senador Romano?
Esses grilhões nos pulsos teus que indicação?
Tu emmudeces? — Príncipe, que é isto?
Tu calado também? Falla, não temas.
Não tens que recear; nem es Romano;
Nem deveres de pátria te obrigavão
A seguir nossos fados. Tomar parte
Na sorte do infeliz, é sempre um peso.
Queres fugi-lo? Não; não te crimo,
Os vinculos de alliado te prendião. . .
Porém de taes amigos que interesse
Poderias tirar? Desgraças, prigas,
Talvez a morte. Vai; segue a ventura;
O céo derame sobre ti mil bençãos.

Oh lá, soldados: de Numidia ao principe
As portas da cidade abertas ficão.

JUBA.

Bem a mereço a reprobração amarga
Dessa azeda ironia. Sim, deixei-me
Seduzir desse monstro. Mas nem mesmo
Te dignas arguir-me, nem te abaixas
A castigar-me? Oh céos! esta vergonha
Não; eu nunca a esperei. Pena tão rude
Merecer a Catão não pensei nunca.
Sou criminoso sim; porém meu crime
É filho só do erro. Esse perverso
Sob a cõr da virtude, do heroísmo
Perfido me encubriu, soube enganar-me.
Da patria minha na rudez selvagem
São ignoradas da perfídia as artes.
A minha singeleza, e poucos annos
Facil foi de vencer a quem tam destro
Em artifícios tais, lhes sabe o enrèdo.
Para salvar teus dias ameaçados,
Para evitar que ao dictador abrisse
Conjuração occulta as portas d'Utica;
Me incitou que salisse c'os meus Numidas
Do lado oriental para encontrá-lo.
Cahi no engano; e em tanto que eu deixava
Quasi inerme a cidade, elle, e os seus sócios
As portas do occidente a Cesar abrem.
Conheci, porém tarde, a vil perfídia;
Cahi sobre o traidor, e sobre as hostes
Do tyranno de Roma; entanto o alarmá
Soa na praça, os muros se coroão
De intrepidos Romanos. Rechassada
Por elles, e por mim foi essa turba.
Pude na fuga descubrir o monstro;

Fiz-lhe lançar aos pulsos esses ferros;
 Salvei-lhe para os golpes dos lictores
 A infame vida, que anhella vão todos
 Arrancar-lhe á porfia os meus soldados.
 Essa vida... Ah! não sabes quantos crimes
 Tens a lavar no sangue do malvado!
 Porcio...

CATÃO.

Meu filho!

JUBA.

Assassinou-o o barbaro.

CATÃO.

Respiro, oh ceos! traidor não foi meu filho.

BRUTO.

Infame! e ousaste ao meu amigo....

MANLIO.

E' elle:

Ei-lo aqui moribundo to conluzem.

Que miseranda vista! oh! que espectaculo
 Para os olhos de um pae!

S C E N A V.

CATÃO, BRUTO, MANLIO, SEMPRÓNIO, JUBA,
 PORCIO, Soldados.

CATÃO.

Oh! vem, meu filho,
 Nos braços de teu pae merrer com honra.
 Vê dos olhos paternos, vê correr-me
 Estas lagrimas doces; não de pena,
 Meu Porcio, não de dor, mas de saudade.
 Morres hominem, meu filho, e morres livre.
 Oh! não te peze de deixar a vida.

Que te fica na terra ? que perdeste ?
 Um mundo indigno , baldo de virtudes ,
 Farto de erimes ; solidões juncadas
 De mortos , moribundos , de assassinos.

www.libtpol.com.cn

PORCIO,

E .. o .. pae .. que .. eu deixo .. eu .. morro .. adeus.
 CATÃO.

Sim , morre ;
 Que vives para gloria. Oh ! caro filho ,
 Sobe , alma venturosa , á eternidade.
 Este meu pranto . . . Não taxeis , amigos ,
 De fraqueza a minha alma : eu não me pejo
 De mostrar que sou homem. Filho ! oh ! filho !
 Teu pae em breve... Adeus ! ... Levai-o , amigos.

BRUTO.

Não ; esse corpo do heroe não deve
 Sahir de nessa vista , antes que o sangue
 Corra do matador. Manlio , soldados .
 Dizei , dizei-o , vós ?

CATÃO.

Basta ... Sempronio ,
 Eu ja fui pae , e sou Romano ainda.
 Vês aquelle cadaver ? é meu filho .
 Tu mo roubaste . . . Seduziste o principe ,
 Traidor quizeste com algoz perfidia
 Impio acabar co'a patria moribunda .
 Todos quantos ahi vês pedem tua morte ;
 Pedem teu sangue as leis , e a natureza .
 Mas eu posso absolver . . . Roma não pôde .
 O pae perdoa , o cidadão não deve .
 Malvado tremie : a espada da justiça
 Sobre a tua cabeça está pendente .
 Dos crimes ao maior , pena a mais crua .
 Nós a devemos , filhos de Quirino .

(76)

Morra ; sim , morra para sempre o perfido.
Tirai-lhe esses grilhões , abri-lhe as portas.
Pésa-lhe a liberdade ? aos ferros corra :
Para Roma expirou , com Cesar viva.

MANLIO,

Oh virtude !

JUBA.

Oh sentença d'um Romano !

SEMPRONIO.

Triumphaste de mim ; essa grandeza
Inda é maior que o odio , que te eu tenho.
(Retira-se o cadaver de Porcio)

S C E N A . VI.

CATÃO , BRUTO , MANLIO , Soldados.

MANLIO.

Mas duvido que possas impedir-lhe ,
Que o furor dos soldados

CATÃO.

Um Romano.

Em sangue tal não enxovalha a espada ,
Lictores , de Sempronio o vil castigo
Annunciai ás cohortes ; e intimai-lhe
Que é não ser cidadão , frastar-lhe a pena.

BRUTO.

Oh meu pae ! a teus pés deixa prostrar-me ;
Deixa adorar em ti

CATÃO.

Ergue-te , filho :

Eu fiz o meu dever; não te accostumes
A admirar com esprito uma acção boa.
Faze hábito da honra, e da virtude:
E só te admirarás de ver hum crime.

FIM DO ACTO IV.

ACTO QUINTO.

S C E N A I.

CATÃO, *Lictores. etc.*

CATÃO.

Ainda não é tempo. Oh lá! de pressa
Manlio se chame aqui: alguns momentos
A sós me cumpre conversar com elle.
Ide.

S C E N A II.

CATÃO *so.*

CATÃO.

Convém dizer-lhe os meus intentos,
Confiar-lhe as tenções minhas, e projectos.
Timido sim, porém honrado é Manlio,
Prudente, e cauteloso. Sem receios
Descançarei tranquille. Ei-lo que chega.

S C E N A III.

CATÃO, MANLIO.

CATÃO.

Manlio, ouve-me attento. A tua dextra

Em pinhor do segredo.

MANLIO.

Ei-la.

www.libtoon.cn

Romanas

São inda éstas mãos. Não, meu amigo?

MANLIO.

E duvida-o Catão?

(ouve-se dentro o brado da sentinelha)

CATÃO.

Não; não duvida.

MANLIO.

Pois bem: falla: eu te escuto.

CATÃO.

Ouviste agora

A voz da sentinelha?

MANLIO.

Ouvi.. que importa?

CATÃO.

Quando uma hora mais tiver corrido,

Ouvi-la-has outra vez; mas esse brado,

Eu não o heide ouvir.

MANLIO.

Não te percebo.

Porque?

CATÃO.

Porque terei morrido.

MANLIO.

Tu!

CATÃO.

Sim.

MANLIO.

Pois que l perdeste ja de todo

Aquellas esperanças...

CATÃO.

Não : nem perco.

Vês esta espada ? Nella só as tinha.
 Não me serviu a libertar a **patria** ;
 Serve para morrer.

MANLIO.

E tu perteñdes

Cometer esse crime ! ... Tu ?

CATÃO.

E accuso

Julgas um crime o subtrahir-se a crimes ?

MANLIO.

Em quais são esses crimes , que perteñdes
 Evitar com tua morte ? Por ventura
 São os de Gesar , são os dos Romanos ,
 Que a Cesar vendem liberdade , e patria ?
 Morrendo , impedirás que se perpetrem ?
 Bem o sabes que não .

CATÃO.

Sobre esses crimes

Só me resta gemer : assaz contra elles
 Luctei de balde .

MANLIO.

Então . . .

CATÃO.

Co'a minha morte

Só este coração , só a minha alma

Quero salvar ao crime .

MANLIO

A ti ! Mas como ?

Queres livre morrer como um Romano ;
 Foges a escravidão ; heroísmo , e gloria
 A um animo vulgar fôra esse feito .
 Mas homem , como tu , deixar cegar-se

Dé fanatismos taes! São crime os ferros;
 (Dizes tu) mas de quem? Do miserável;
 Que entre gemidos soluçando os roça?
 Ou do fado serão? Crimes do lado;
 Então nós é que haveremos de levá-los?
 Sem criminosos sér, punir-nos-heimos?
 Se os céos o quiserem, se o consentem deuses;
 O homem fraco

CATÃO

Não faças tâm pequeno;
 Nem tanto abatas o homem. Pouco vale,
 Se escravo das paixões, fraco se deixa
 Ir ao sabor das ondas do destino.
 Mas o homem, que tal nome desempenha;
 Que é digno desse título sagrado;
 O varão forte, que o revez encara
 D'avessos fados, que lhe apara os golpes;
 No adamantino escudo da virtude;
 Que arcá por arcá luta c'o infortúnio;
 E consegue aterra-lo; oh! esse é grande;
 Esse não teine, desafia a sorte;
 C'o pavéz da innocéncia acobertado;
 Firme nô pedestal da fortaleza,
 Caia o céo, tremá a terra; immóvel fica;
 O universo vacilla, e elle não treme;
 Desaba o mundo, e impavido o contempla,
 Sem medo a queda, reverter-se aos cahos.
 Por certo não é crime o ser escravo,
 Só desventura grande; mas, podendo
 Espédaçar os ferros vergonhosos;
 Não o fazer, é vil baixeza indigna;
 E covardia, e a covardia é crime.
 A natureza, que nos deu a vida,
 Deu-nos direitos, que gozar com ella;

Deveres nos impoz, Perder aquêlos,
 Postergar estes, e prezar ainda
 O dom mesquinho de existencia inutil,
 Nem o pôde mandar a natureza,
 Nem do contrario os numes agravár-se.

MANLIO.

Mas dadiua do ceo nos foi a vida;
 E o ceo hade aprovar? ...

CATÃO.

E eu morro accaso,
 Quando a minha alma eterna assim liberta
 Dos vinculos do corpo? Se esta essencia,
 Que da vida ás funções em nós preside,
 Porção da divindade, é pura essencia
 De espirito immortal; não ébro um crime
 Não renuncio á dadiua celeste,
 Se livro de baldões, se a vis opprobiös
 A salvo denodado. E, se ao contrario,
 Combinaçao fortuita do acaso
 Me formou a materia; se a minha alma
 Morredoura, e mortal, como o meu corpo,
 Só para o mundo vive, e só no mundo;
 Então mais livre ainda em dispor della...

S C E N A IV.

CATÃO, MANLIO, JUBA.

JUBA.

Catão, accede, vem... Subitamente
 As cohortes de Cesar assaltárão,
 Furiosas investem nossos muros.
 Já tudo é confusão, tudo desordem.
 Nossos poucos soldados cada instanto

Aos golpes diminuem do inimigo.
 Raros sobre as muralhas já se avistão
 Da liberdade os tristes defensores;
 Do dictador as hostes bem conhecem
 Nosso misero estado; audazes correm
 Seguras da victoria. Ah! vem ao menos
 Com a tua presença (se é possível)
 Anima-los ainda: vem; ou cedo
 Em Uttica verás...

CATÃO.

Não verei nada.

JUBÁ.

Como?

CATÃO.

Príncipe, vai; vê se apprestadas
 Estão no pôrto as naus, se a levar ferro
 Promptas como eu mandei. Faze que embarquem
 Todos nossos amigos: vai; só resta
 Este unico remedio; preciosos
 Estes momentos são; parte.

JUBÁ.

Obedeço.

Mas...

CATÃO.

Vai, príncipe: adeus, adeus.

S C E N A V.

CATÃO, MANLIO.

CATÃO.

Não posso

Deixai de enternecer-me... a vez extrema
 Que vejo os meus amigos sobre a terra.

Manlio, tu sabes quanto te amei sempre...
 Has-de sobreviver-me, has-deinda, amigo.
 Ver Roma escrava... ver a nossa pátria,
 Essa pátria, que tanto me ha custado!
 Vê-la-has em ferros, gemeras sobre ella.
 Oh! quando desparzires essas lagrimas
 No sepulcro de Roma... então recorda-te
 Lembra-te de Catão... (silencio) E'morta Roma.
 E'morta Roma... E eu sou vivo ainda!
 Comega a envergonhar-me esta fraqueza.
 Morrer!... Mas eu receio acaso a morte?
 Não, por certo: não vejo na minha alma
 Nem a menor saudade da existencia.
 Tranquillo sinto o coração no peito;
 Pausado o sangue pelas veias corre.
 Porção da divindade, assaz viveste
 No carcer desto corpo; vai unir-te
 A imensidão do ser na eternidade.
 Catão... a tua hora derradeira,
 Ela, souo... amigo, adeus.

(quer ferir-se)
 MANLIO.

Que fazes!

S C E N A VI.

CATÃO, BRUTO, MANLIO.

BRUTO.

Oh meu paes! oh desgraça! oh fado! oh numes! Dentro d'Uttica já... Foíse a esperança. Morreu quanto inda havia de Romanos! Ficamos nós... nós só. Tropos d'escravos De Catão... affluem, e creem,

Inundão a cidade... O pae! oh! dize
O que resta fazer.

CATÃO.

www.librus.pt Muitos diferentes

São os nossos deveres: Bruto deve
Para a patria viver: mancabo ainda,
Pôde vir tempo, em que salva-la possa.
Catão, velho, e cansado, e a Roma inutil,
Só lhe resta morrer.

BRUTO.

Morrer!

CATÃO.

Sim.

BRUTO.

Morre;

Mas eu não vivo.

CATÃO

Vives; que eu to ordeno,
Que o manda Roma.

BRUTO.

Embora. Os ceos que o mandem,
Que o decretem os numes: Bruto deve
Onde espirar Catão, morrer com elle.

CATÃO.

Bruto... meu filho... filho! oh! que este nome
E' de todos os nomes o mais doce.
Pela vez derradeira um pae te falla:
E tu não has de ouvir as vozes delle?
Minha estrema vontade ha-de o meu filho
Desprezar do seu paé? o ultimo rôgo.
Ja f-ito sobre as margens do sepulcro,
Has-de esquecer tu? Catão supplica.
Pede Catão; e Bruto não o attende!
Meu filho, vem; recebe no teu peito

O adeus da saudade... o adeus da campa,
 Que só vai terminar na eternidade.
 Este abraço de morte inda é Romano;
 Estas mãos, que te apertão, não tem ferros:
 Meu filho, adeus... Sê virtuoso sempre:
 Não podes ser Romano... mas sê homem.
 Roma extinguiu-se... resta-te a virtude.
 Ja não tens patria... mas tens honra ainda.
 Recorda-te de um pae, que te amou sempre;
 Para chora-lo não, que morreu livre;
 Mas para te lembrar de seus conselhos,
 Para segui-los sempre: adeus. Amigo,
 Tu roubaste-me a espada: não venceste:
 Inda tenho este ferro. (*fere-se*) Oh Roma! oh patria!
 Não tenho mais que a vida; ei-la recebe-a.
 Vamos ao menos juntos ao sepulcro.

MANLIO.

Oh ceos!

BRUTO.

Oh numes!

MANLIO.

Espiraste, o' Roma!

CATÃO.

Amigos, oh! meus ultimos... momentos...
 Não mos façais amargos... Por piedade...
 Essa dor... a meus olhos... occultai-a...
 Deixai-me ao menos... espirar... com honra...
 BRUTO.

Oh meu pae!

MANLIO.

Meu amigo! que velhice,
 Que estremos dias me guardava o fado!
 Oh!

S C E N A VII.

CATÃO, BRUTO, MANLIO, DECIO, Soldados etc.

DECIO.

Salve-se Catão, se é tempo ainda.
 Do imperador as ordens se executem.
 Do amigo vencedor nos braços venha
 Esquecer... Mas, que vejo... tu...

CATÃO.

Ja... na... da...

Tenho... que... recear... de... suas... iras...
 Nem... de... seus... benefícios... Mas... amigos...
 Vós... me trahis... Porque... vedar-me... o sangue...
 Deixaí-me... eu... sei... morrer... oh Roma!...

(fazendo o ultimo esforço)

MANLIO.

E'morto...

Com a patria nos labios. Oh! que patria
 Lhe fadastes, ó ceos!....

BRUTO.

Comteimpla, barbáro;

Contempla a tua obra. Le, preverso,
 No horror daquella chaga os teus delictos.
 Colhe, escravo, esses louros sanguinosos,
 Leva-os a teu senhor: dá-lhe, que o beba,
 Na taça da ambição aquelle sangue.
 C'um parricidio mais qrñá-lhe a gloria.
 Que mais quer, que lhe falta? Esse malvado
 Porque não vein gosar do seu triunpho?
 Venha, venha rever-se no seu crime;
 Venha, venha folgar sobre o sepulcro
 De Catão, e de Roma.... Quer mais sangue?

Resta-lhe o meu... Pois venha derramá-los
Eis desarmado, o peito... A sede apague,
Farte o atroz coração.

www.libtooldrama.cn

Lembra-te, Bruto.

A carta...

BRUTO.

Que vieste recordar-me?
Sabes o que dicesse? Mal conheces
Que sentença de morte proferiste.
Eh!.. Eh!.. Não!.. Porque!.. Sím monstro, barbaro!
Sangue! Oh sangue d'horror! Mas, vês aquelle?
Gota, a gota caiu sobre este peito;
Aqui no coração, el-lo aqui todo;
Este ferro... este ferro precioso
E' legado d'um pae... Pae! oh! que nome!
Meu pae... aquelle foi... matou-mo elle.
Mas vive o filho... e o filho hade vingá-lo.
Filho... do crime... ja não temo crimes...
Roma!... patrícia! Cátão! meus paes são estes.
Remorsos!... Ensinou-me a despreza-los
Esse, a quem devo... Deva só vingança,

FIM DO ULTIMO ACTO.

www.libtool.com.cn

*Ao meu Amigo, o Sr. * * * sobre a Tragedia
Catdo. (*)*

Que conceito formo do meu *Catdo*? E' a pergunta mais fóra do commun, que se tem feito. — Se imitei muito o de Addisson, e que juizo faço deste dramma? Menos difficult é que a primeira, porém não me custa por ventura menos a responder a uma do que á outia. Tinha protestado conservar um perfeito silencio sobre este famoso author, e sua mais famosa peça, por que não julgassem alguém, que o severo dos meus reparos provinha de rivalidade, ou presumpção. Mas em fim quebro o protesto, e vou satisfazer-te. A tragedia ja está no prelo, e cedo poderás combinar as minhas reflexões com ella; pois, supposto a viste representar, só com meditado estu-

(*) Esta carta nunca esperou sahir a lume, nem sahiria nunca, se me não constasse que algumas pessoas, attentando talvez simplesmente na similitudine do titulo, havião asseverado que a minha tragedia não era mais que uma traducçao da Addisson.

do se pôde bem decidir de cousas drammaticas ; e a scena illude muito, e preoccupa demais com seus prestigios para nos deixar reflectir com a madureza, e socêgo necessarios, que só no silencio do gabinete se podem conciliar.

O que me parece do meu Catão ? — Com toda a franqueza, que me conheces, e sem a orgulhosa modestia de certos authores, que se humilhão todos para que os louvem mais, com a sinceridade de amigo : *parece-me bem, e mal.* Gosto de algumas cousas, desgosto de outras.

Pelo que são regras principaes de *unidades, exposição, nexo, e desfeixo*; (*) cuido te-las desempenhado. Em quanto ao resto, não direi com tanta assouteza ; e cousas ha mesmo, de que muito desconfio.

Mui difficil me era não só o desenho dos caracteres, mas a sustentação delles. Para apresentar uns poucos d'homens verdadeiramente Romanos, e fazer no meio delles sobre sahir o actor principal, era forçoso suar muitas vezes, e desaninar algumas. Bruto, Porcio, e Manlio, todos virtuosos, e virtuosos como republicanos, a cada momento se me tornavão Catões, e fazião por consequencia divergir os raios do interesse drammatico, que eu só no unico protagonista queria, e devia concentrar. Distingui-os quanto pude, exforcei-me em caracterisa-los por diferentes temperamentos, e genios ; e puz peito em separa-los assim, ja que a historia, e a verdade mos tinhão unido tanto.

(*) Não sei traduzir d'outra maneira o *de-nouement* Francez.

Como hei de responder á tua segunda pergunta sobre Addisson; na analyse succinta, que de sua tragedia te faço, irei conjunctamente respondendo á primeira, segundo me lembrar, sem ordem, nem systhema, que sobre improprios da familiaridade dê uma carta, me darião constraintamento, e incômodo, que seguramente creio não quererás dar-me.

Desde que me entendo alguma cousa, e comecei a abrir livros de bellas letras, ouvi sempre fallar no *Catão* de Addisson, como em um prodígio da scena, e por ventura a primeira peça do theatro moderno.

Na encyclopedie, formaes palavras, se diz. — *Son Caton est le plus grand personage, e sa piece est la plus belle, qui soit sur aucun theatre.* Cesarotti, e infindos outros fallárao pela mesma boea. O proprio Voltaire, que lhe nega o fôro de tragedia, não deixa de lhe chamar um *chef-d'œuvre*.

Ouvia eu, e lia todas estas cousas, e cada vez me dobrava o desejo de ver tam gahada peça; sem jámais a poder haver á mão pela summa raridade dos bons livros entre nós, e infinita escarcez, principalmente de todos os que não são franceses. Obtive alsim.uma traduccion Franceza meia verso, meia prosa, mas tam má, pelo que me pareceu, que o meu conceito então ficou cem vezes aquem do que havia imaginado. Li-a depois na versão do nosso Manoel de Figueiredo (bom homem, e de bastantes luzes, mas de nenhum talento poetic, e perfeitamente ignorante até das mais simples leis do metro) e fiquei peior. Conseguí finalmente o original; e supposto inundei bastante do primeiro juizo, não foi absolutamen-

te, nem o podia ser, porque no contexto, e fundo do dramma, original, e traduções erão a mesma causa.

Antes de fazer as minhas reflexões, transcreverei as do eruditissimo Schlegel; que pela maior parte com ellas se combina; e, com grande satisfação minha, até com ás que antes de ler a sua grande obra, (*) eu havia feito.

" Addisson, que era mais *le-esprit*, do que poeta, detinha-se a expurgar a tragedia Ingleza, e a submette-la ás pertendidas regras de Aristoteles. Dever-se-hia esperar, que tan erudito homem, como elle era, necessariamente buscaria avizinhá-se á tragedia Grega: não sei se teve alguma hora essas intenções; mas é certo porém que o fructo dos seus esforços não foi mais que uma tragedia moldada, e enseitada á Franceza. O *Catão* é uma obra fraca, e de gelo, quasi nua de ação, e que nunca toca o animo com a mais pequena força.

Addisson, fazendo uma composição timida, e accanhada, restringiu de tal sorte um grande quadro historico, que para encher o panno, houve mister introduzir-lhe cousas absolutamente estranhas. Recorreu aos amores da *tarifa*; e nesta peça se contão seis *paixões* (ou namoros); a saber: as dos dous filhos de Catão, a de Marcia, de Lucia, de Juba, e de Sempronio. Catão, como bom pae de famílias, não pôde ter-se a final que não arranje, e conclua dous matrimónios.

nios; e entre tantos amantes, não ha nenhum (sem exceptuar mesmo Sempronio, que é o *mal-rado* do dramma) que não participe o seu pouco de simplesinho. ~~o dramma~~ Catão poderia talvez relevan tudo isto: mas quasi n'uma obra, nem entra em acção; apenas se mostra para se fazer admirar, e morrer depois.

Poder-se-ha pensar que a stoica resolução de matar-se, tomada assim sem paixão, e sem internos conflictos, não seja favoravel assumpto para uma tragedia: mas não ha assuimpto nenhum, que por sua natureza seja desfavoravel, e tudo depende da maneira porque se tratta. Um vão escrupulo sobre a unidade de logar forçou Addisson a deixar de fóra a Cesar, unico caracter digno de fazer contraste ao de Catão: e nesta parte muito melhor que elle andou Metastazio.

O stylo de Addisson é simples, e puro, mas sem fogo poeticó. O *jambo* não rymado, (*) de que usa, dá ao dialogo mais liberdade, e uma forma menos de *convenção*, que se não acha na maior parte das tragedias Francezas; mas essas tem ás vezes uma eloquencia firme, e concisa, onde jámais não chega o *Catão* de Addisson.

Este célebre author, para preparar o feliz acolhimento d'uma obra, que tanta fadiga lhe havia custado, pôz em armas toda a milicia do *bom gosto*, todos os criticos grandes, e pequenos, e á frente de todos Pope. *Catão* foi por toda a parte acclamado por um *chefe d'obra* sem par.

(*) E' o nosso verso sólto, ou *branco*.

É em que fundarão elles tais asserções? Na regularidade da forma? Mas os poetas Francezes ha mais de um seculo, que a ella se havião sujeitado, e a despeito deste grilhão, tinhão conseguido effeitos muito mais poderosos, e patheticos. — No espirito politico? Um só discurso de Bruto, ou Cassio em Shakespear mostra mais alma Romana, mais energia republicana, que toda a tragedia de Addisson. Duvido que similhante peça produzisse jámais uma impressão viva, e profunda. »

Tal é o conceito de Schlegel sobre esta tam affamada obra. O meu, como levo ditto, não differe muito do delle, mas alguma cousa differe. Schlegel tem o defeito de todos os escriptores, que são escravos de suas proprias ideias, e do systema, que elles mesmos fabricárão: o que muitas vezes os força a dizer cousas, que n'outro reprovarião; e de que não tem, nem dão outra causa, mais que a necessidade imperiosa de serem coerentes.

Lembrar-te-has que muitas vezes lamentámos isto em Madáme de Stael, e Chateaubriand: e que pensámos ser muito principal prígem do grande meréccimento de Cicero, e Rousseau a sua incerteza ingenua (ou muito artificiosa) nesta parte.

O que Schlegel diz sobre a *regularidade clásica* mal entendida, que Addisson pertendeu, e pensou dar ao seu drama, é exactissimamente certo. O genero *romântico*, de que Shakespear foi o creador entre os seus, e que era o proprio da scena Ingleza, tem grandes defeitos, mas grandes formosuras: falta-lhe a belleza da simplici-

dadè, e regular elegancia, mas sobeja-lhe a do ornato, e enfeites ingentios, com quanto demasiados. O genero *classico* tem outras qualidades, e caracteres, entre os quaes em primeiro lugar, a regularidade, e simplicidade. O *mixto*, que principalmente se deve a Voltaire, (*) e a Ducis, participa das bellezas d'um e d'outro, e sem cabir nos defeitos do *romantico*, afforniosse a visilmente o *classico*. Zaira, Tancredo, Alzira, Othelo, e o Rei Lear (de Ducis) provarão, melhor que todas as theorias, esta verdade.

Em qual d'estes tres generos escreveu Addison? Em nenhum. A sua tragedia é tanto arremedo infeliz do gôsto Francez, tem todos os defeitos do assassinado daquelle theatro, sem ter nem humar de suas bellezas. Seis namoros! Racine, e Crebillon, que forão os mais excessivos neste ponto, nunca se atrevêram a tanto. Mas Racine pelo menos soube ligá-los sempre, e faze-los dependentes da acção principal, quando elles mesmos não erão essa acção. Crebillon as mais das vezes o fez, supposto com muito menos arte, e essa menos tira, e delicada. Mas no Catão de Addison são verdadeiramente — verbos de encher, tanto tem elles com a acção capital, como os nossos antigos *graciosos* das operas do Judeu com

(*) Quando no prefacio d'este livro toquei igual materia, esqueci nomear este grande tragico na frepte dos que no genero *mixto* escrevem. Pego desculpa de tal desleixão, que só é devido a que raseunhei aquellas linhas.

Medea, e Jason. Demais, a mais tem a habilidade de ocupar quasi sempre a scena, e deixar raras vezes appaecer sobre ella o principal actor, e accão. A ~~traição de Sempronio~~, e Syphax é motivada por namôro, as mortes de Sempronio, e Marco por namôro, toda a *intriga*, ou nexo do dramma por namôro; Catão entretém-se tam bem com todos estes namoros; e mata-se a final (depois de dormir o seu pouco na scena,) sem se saber verdadeiramente por que; pois não apparece uma causa immediata, qual deveria ser a chegada de Cesar, mas simplesmente a da ruina geral da liberdade, que desde o primeiro acto existia, e que por tanto desde o principio devêra ter produzido o seu effeito, e morto Catão (que era a catastrophe) acabar logo a peça. Esta suspenção da catastrophe, que é o nexo da accão, uma das origens do interesse, e uma das mais difíceis regras trágicas na sua execução, fallia, e falta absolutamente na tragedia Ingleza,

Eu não exigiria, como Schlegel, que Addisson mettesse a Cesar no seu dramma, nem farei depender dessa circunstancia a belleza principal delle. Tambem li a peça de Matestazio, e ahi vi isso; mas não me agradou, Por ventura, se hoje escrevesse a minha tragedia, o faria eu; mas não me lembrou então o verdadeiro modo de o fazer bem; e por isso o não fiz.

No que eu em grande parte discordo de Schlegel é no severo conceito, que fôrma do stylo de Addisson. Convenho que sobejas vezes é frio, e desanimado; porém muitas é sublime, e elevado, como ao genero cumpria. O monologo do quinto acto é uma obra-prima de poesia, tanto nas

ideias, como no stylo; assim ella fosse drammatica, e propria da scena; mas infelizmente cai-lhe ao justo a sentença d'Horacio:

Sed nunc non erat his locus.

O muito que me affastei de Addisson, da simples comparação d'estes reparos com o meu dramma o podes colher. A personagem de Bruto, que é a segunda na minha tragedia, não aparece na delle; eu não tenho damas, nem *namoricos*; a exposição, o nexo, a catastrophe da minha peça são outras absolutamente, &c. &c. Approveitei-me porém d'alguns pensamentos felizes, e sublimes, que não são poucos em Addisson. O número todavia dos que imitei não é excessivo: digo *dos que imitei*, porque traducção, não a fiz eu de um só verso Inglez.

Para formares melhor ideia; transcrever-te hei aqui os logares todos, de que fallo; com a traducção literal; e combinando-os com os correspondentes no meu dramma, poderás conhecer com exactidão o que digo.

Acto I. Scena I. (Addisson's Cato)

The dawn is overcast, the morning low'rs.
And heavily in clouds brings on the day,
The great, thi' important day, big with the fate
Of Cato, and of Rome.

*Cuberta a aurora está, a manhã fusca,
E pesada de nuvens traz o dia,
Dia grande, e importante, que em seu scio.
De Catão, e de Roma encerra o fado.*

N. B. A palavra *big*, que no texto Inglez significa neste logar *pejado*, não era traduzivel senão por este circunloquio.

O logar correspondente na minha peça é na scena 1: do I. acto; na falta de Bruto.

” A aurora a despuntar começa :
” Pallida, e triste nos conduz a medo
” O dia, o dia por ventura extremo,
” Da nossa liberdade, ”

Acto I. Scena II,

Let us once embrace ;
Once more embrace ; while yet we both are free,
To morrow should we thus express our friendship,
Each might receive a slave into his arms.
This sun, perhaps, this morning sun's the last,
That e'er shall rise on Roman liberty.

*Deixa que inda uma vez nos abracemos,
Mais uma vez, em quanto somos livres.
Nossa amizade se amanhã quizermos
Desta sorte expressar, receberemos
Cada um de no's nos braços um escravo.
Este sol, por ventura, é o sol de hoje
E' já o derradeiro, que so deve
Nascer para a Romana liberdade.*

Concorde com esta passagem a seguinte na scena 5 do I. acto :

” Abracemo-nos, amigo,
” Abracemo-nos sim, em quanto é dado,
” Em quanto somos livres, &c. ”

Até o fim desta folla de Porcio, cujos oito versos são todos imitados de Addisson.

Acto I. Scena II.

My father ~~www.libtool.com~~ has this morning call'd together,
 To this poor hall, his little Roman senate,
 (The leavings of Pharsalia).

*Meu pae em esta humilde, pobre sala
 Seu pequena senado de Romanos
 (Reliquias de Pharsalia) hoje convoca.*

D'estes versos são paralelos estoutros, na
 mesma scena 5. do I. acto :

" Por esta causa
 " Neste humilde logar meu pae ajunta
 " Essas tristes reliquias de Pharsalia,
 " A que ainda senado appellamos. "

Acto I. scena II.

Not all the pomp, and magesty of Rome
 Can raise her senate more than Cato's presence,
 His virtues render our assembly awful,
 They strike with something like religiuous fear,
 And make even Caesar tremble at the head.
 Of armies flush'd with conquest. Oh, my Partius!
 Could I but call that wond'rous man my father.

*Toda a pompa de Roma, e magestade
 Não poderia alçar tanto o senado,
 Quanto a presença de Catão a eleva.
 Suas virtudes tornão formidavel
 Nossa assemblea, elas quasi imprimem
 Um nudo religioso, e a César fazem*

*Tremor á frente dessas mesmas tropas,
Suberbas de conquistas. Oh meu Porcio!
Pudesse eu chamar pae a tam grande homem!*

www.libtool.com.cn
A imitação desta passagem é no acto I, sce-
na 5 do meu dramma:

» Todo o esplendor da fastuosa Roma
» Toda a sua pompa; gloria, e magestade, &c. »
Até o fim da fala de Juba.

Acto II. Scena 2.

Fathers, we once again are met in council:
Caesar's approach has summon'd us together;
And Rome attends her fate from out resolves:
How shall we treat this bold aspiring man?
Success still follows him, and backs his critnes;
Pharsalia gave him Rome; Egypt has since
Receiv'd his yoke; and the whole Nile is Caesar's.
Why should I mention Juba's overthrew;
And Scipio's death? Numidia's burning sands
Still smoke with blood. 'Tis time we should decree
What course to take. Our foe advances on us,
And envies us ev'n Lybia's sultrey desarts.
Fathers, pronounce your thoughts: are they still
To hold it out and fight it to the last? (fix'd
Or are your hearts subdu'd at length, and wrought
By time, and ill success, to a submission?
Senipronius, speak.

*Inda em concelho, o' padres, nos juntamos;
De Cesar a chegada é quem nos une,
E Roma o fudo seu de no's espera.
Como devemos no's trattar esse homem.*

*Audax, emprehendedor? Ainda o segue
E proteje os seus crimes a fortuna.
Pharsalia lhe deu Roma; o Egypto cede.
Desde então ao seu jugo, e o Nilo é delle.
Porque mencionarei de Juba a queda:
A morte de Scipião? De sangue fundo
As queimadas areias da Numidia.
E tempo de assentar qual mais devemos
Seguir estrada. Sobre no's caminhos.
Nosso inimigo, e nos inveja mesmo
Estes da Lybia torridos desertos.
Padres, pronunciai os vosso's votos.
Fixos em persistir são elles inda;
E em pelejar até o fim constantes?
Ou vosso corações já submettidos;
Cançados pelo tempo, e desfortuna,
Estão á servidão? Sempronio, falla.*

O logar, em que imitei alguma cousa esta
falla é no acto II, scena I.:

„ Padres de Roma, augústos señadores,
„ Da patria moribunda unico appoio, &c. „

Acto II. scena II.

The corpse of half her senate
 Manure the fields of Thessaly, while we
 Sit here delib'rating in cold debates,
 Or wear them out in servitude and chains.
 Rouse up, for shame! our brothers of Pharsalia
 Point at their wounds ; and cry aloud — To battle !
 Great Pompey's shade complains that we are slow.

*O meu voto estáinda pela guerra.
 Deuses! po'de um senado de Romanos
 Debater longamente sobre a escolha.
 De escravidão, ou morte? Não; ergatmo-nos;
 D'uma vez, empunhemos as espadas;
 E á frente dessas tropas, que nos restão
 O inimigo ataquemos; pelo meio
 Das espessas fileiras abancemos
 De suas legiões amontoadas,
 E do golpe sobre elle carreguemos.*

*Os corpos de metade do senado
 Servem de adubo aos campos da Thessalia,
 Em quanto aqui nôs outros assentados
 Em frias discussões deliberamos
 Se á honra nossas vidas votaremos,
 Ou se havemos de em ferros consumâmas.
 Despçrtai; que vergonha! Os irmãos nossos
 De Pharsalia as feridas nos oppontão,
 E altamente nos bradão — A' batalha!
 A grande sombra de Pompeu lamenta
 A nossa lentidão; e a nôs d'entorno
 Inultos manes de Scipião volteão.*

Assemelha-se a esta na minha peça a falla
 de Bruto na scena I. do II. acto:

“ Eu voto à guerra ; e a guerra só nos cumpre.
“ Que ! duvidar na escolha um só momento, &c. ”

Acto II. scena II.

www.libtool.com.cn

Let not a torrent of impetuous zeal
Transport thee thus beyond the bounds of reason.
True fortitude is seen in great exploits
That justice warrants, and that wisdom guides :

Are not the lives of those that draw the sword
In Rome's defence entrusted to our care ?
Should we thus lead them to a field of slaughter,
Might not th' impartial world with reason say,
We lavish'd at our deaths the blood of thousands,
To grace our fall, and make our ruin glorious ?

*Não te deixes d'un zelo impetuoso
Transportar da torrente alem dos termos
Da razão. O exforço verdadeiro
Nos grandes feitos, que a justiça apoia,
Que a prudencia dirige, é que se mostra.*

*Daquelles que de Roma não defesa
Desembainhárão as espadas suas,
Ao nosso cuidado confiadas
As vidas não estão ? Se no's no campo
Da mortandade assim os conduzirmos,
Imparcial não poderá o mundo
Dizer, e com razão, que no's de tantos
Co'a nossa morte o sangue esperdiçámos
Para ornar nossa queda, e mais gloriosa
Fazer nossa ruina ?*

Corresponde a esta passagem a do acto II.,
scena 2:

" Bruto, esse furor não é Romano, &c. "

www.libtool.com.cn

Acto II. scena IV.

Bid him disband his legions,
Restore the commonwealth to liberty,
Submit his actions to the public censure,
And stand the judgment of a Roman senate.
Bid him do this, and Cato is his friend.

Tbo', Cato's voice was ne'er employ'd
To clear the guilty, and to varnish crimes,
Myself will mount the rostrum in his favour,
And strive to gain his pardon from the people.

*As suas tropas despeça, á liberdade
Restitua a republica, submeta
Suas acções á publica censura
E à decisão aguarde do senado,
Obre assim, e Cato é seu amigo.*

*Nunca a voz de Cato foi empregada
Em crimes palliar, ou salvar culpas,
E com tudo heide eu mesmo em favor delle
Subir aos rostros, forcejar, por peito
Ara' alcançar o seu perdão do povo.*

Na minha tragédia acto II, scena 3 são paralelos os versos;

" Desarme as legiões, deponha a purpura. &c. "

Estes são, meu amigo, os logares, que de Addissor imitei; digo, que imitei de propósito;

porqué, se em algums oyters me encontrei com suas ideias, e expressões; effeito foi do assumpto; e não por determinada intenção. Não reparas nos maus versos da tradicção litteral, que puz ao pé do original Inglez. Exforce-me por ser exacto; e fiel; e essa vontade me não deixou ser bom metrificador.

E aqui tens com toda a sinceridade quanto sei, e posso responder ás tuas perguntas, remetendo-te, sobre Addisson a R. Cumberland, e aos outros muitos, que sobre este assumpto escreverão; e sobre a minha peça, a esses senhores sabichões do Mondego, que tudo entendem, tudo sabem, de tudo mofão, mas nada fazem.

Sou de todo o coração

Ten muito amigo

Lisboa 13 de Março, anno II.

(1822.)

J. B. S. L. A. Garrett.

O CORCUNDA POR AMOR,
FARÇA.

*Representada pela primeira vez em Lisboa no theatro
do Bairro-alto em 29 de Septembro,
ano I. (1821)*

www.alfitoto.com.br

A L F I T O T O C O M B R

O DOUTOR LAPAFUNCIO, letrado.

D. CARANGUEIJA, sua mulher.

D. CARLOTA, sua filha.

ELEUTHERIO, amante da ditta.

AUGUSTO, amigo d'Eleutherio.

BARRIGUDO, procurador de causas.

Logar da scena — Lisboa;

— — — — —

O CORCUNDA POR AMOR,

www.libtool.com.cn

FARÇA.

— — — — —

SCENA I.

Escriptorio de letrado.

DOUTOR LAPAFUMCIO.

— (*Sentado, e remechendo papeis*)

DOUTOR.

Em sim, não me entendo com estas *cousas*. Rapazinhos, rapazinhos! Ca gente de bem, gente do meu tempo, e da minha laia não serve para isto. Peguem nessa capalha, que ahi anda pelas ruas a gritar — viva a constituição, viva o diabo que os leve; peguem nesses biltres todos, e fação letrados do seu panno. Oh tempos do meu tempo! Sancta chicana, que me inflavas cruzios nesta algibeira, como contas em rosario! Cotas, vistas, jure-jurando, estou doente, peço os dias da lei... Oh que boa cousa! E entretanto corria a chelpa, dormia a demanda, e as partes pingavão. Ora digão-me, Srs. reformadores do mundo: que hade ser da dignidade do fôro, sem a grande arte da *chicana*? Nada de ferias; causas todas summarias; jurados;

BARRIGUDO.

Isso é o menos, meu doutor. *Mas a lei dos ceraes!* Da sorte que eu não sei la muito bem o que isto é; mas não me cheira; hade ser cousa má por força.

DOUTOR.

Eu estou na mesma, sr. Barrigudo. Nunca achei no *Pegas* similar nome. Modernices, modernices! Alguma poucavergonha encuberta, alguma heresia rebuçada contra a nossa santa religião!

BARRIGUDO.

Tem carradas de razão, meu doutor. Tudo está perdido. Mas vamos ao que serve. Tenho a propor-lhe certo arranjo, que me parece que lhe hade servir.

DOUTOR.

Diga, e em poucas palavras; que tenho que sahir.

BARRIGUDO.

Certo rapaz, meu vizinho, moço de bom porte, e de muito juizo, chegado á pouco da *novacidade*, e formado ca nas *difficultades* do escritorio pertende vir practicar com V. m.

DOUTOR.

Convenho; mas primeiro que tudo, é elle cá dos nossos?

BARRIGUDO.

Se é dos nossos! Está claro que sim. Aliás como me atreveria eu a propo-lo. E'un moço guapo: ainda não lhe ouvi fallar uma só vez em constituição; e tem huma zanga decidida a tudo quanto cheira a isso. Olhe meu dou-

tor; aquillo por la não está tam maiz como o pinto. Dizem-me que na *noverdade* temos muita gente boa; e ea da sucia;

DOUTOR.

Bom: nesse caso pôde dizer-lhe que appareça logo. Está visto; o moço tem juizo. Adeus, amigo.

BARRIGUDO.

Adeus; meu doutor.

S C E N A. III.

DOUTOR, CARANGUEIJA, CARLOTA.

CARANGUEIJA.

Eis-aqui, senhor Lapafuncio; o fructo da sua condescendêncio. A senhora sua filha está louca; e louca varrida.

DOUTOR.

Que dizes, mulher? Que é isso?

CARANGUEIJA.

Pois não encontrei esta descarada lendo no *Lastro da Lusitana*, e decorando umia ódia ao 24 de agosto, que vem no *Portuguez refrigerado*! Olha, meu Lapafuncio; quando tal vi, siquei de raiva intanguida com hum faniquito; que não sei como a não esganei.

CARLOTA.

Por piedade, meu papá, digne-se ouvir-me.

DOUTOR.

Não lhe posso conceder vista; senhora Lambisgoia. Com que, V. m. atrevese a ler similhantes papeletas! Pobre de mim! Oh vergonha dêtes e ançados antios! Diga: quem lhe deu esse i-

fame papel ?

CARLOTA.

Meu papá, eu não julgava que a minha eurosidade era criminosa. André, nosso moço muitas vezes me tem trazido estes, e outros escriptos, cuja leitura me instruia, e recreava.

CARANGUEIJA.

Que te disse eu, meu Lapafuncio ? A rapariga está perdida; ja sabe *retholica*, tem muita *falsofia*, e até se quer meter a *plitica*.

DOUTOR.

Senhora Carlota, venha cá; seja ditto uma vez para sempre. Você de hoje em diante está prohibida de ler escriptos, sejam de que natureza forem. Se se quizer divertir, aqui tem na minha livraria a colecção completa da nossa sancta mãe *Gazeta de feliz memoria*. Tem a *Navalha de Figo*; a *Atalaia contra pedreiros livres*; o *Segredo revelado*, os *Sebastianistas*; e as obras de *Melgaço*.

CARANGUEIJA.

Mellaço á rapariga, que é tam quente!

DOUTOR.

Qual mellaço, senhora Carangueija ? Você parece-me que tambem perdeu o juizo. Melgaço, senhora, era um escholastico peripatetico.

CARANGUEIJA.

Inclesiastico patetico misericordia, senhor ! Bem mostra que foi estudante: se V. m. não tivesse ido á *nobrecidade*, trattaria a religião de outra maneira, e teria mais respeito aos *inclesiasticos*.

DOUTOR

Mulher, você faz-me perder a paciencia.

CARANGUEIJA:

Cale-se, cale-se. Tratte de dar melhores ~~templos~~, a sua filha. Ja é tempo de tomar juizo, seu velho potrozo.

DOUTOR:

Sim senhora: serei, serei potroso: eti lhe farei o ditto verdadeiro. O' Gertrudes, Gertrudes? De hoje em diante, a minha cama para o quarto da livraria.

CARANGUEIJA:

Ande, ande, metta-se nisso; e depois queixa-se. Olhe, Sr. Lapafuncio; isso vinha do ceo.

DOUTOR:

Cale-se, tonta: lembre-se que está diante de sua filha.

CARANGUEIJA:

Veja se me tapa a bôca. Heide fazer publicos os seus desaforos. Ah meu tempo, meu tempo! As coussas andavão de outro modo: um bom capellão governava a casa, euidava de tudo, arranjava as cabeças, dirigia as consciencias, etc. etc. Agora! pois não? Os bons costumes forão-se: e o respeito perdeu-se a tal incessio, que o bons do nosso confessor, Fr. Patricio de S. Mamede (aquele sanctinho!) entra, e sai nessa casa, sem que ninguem lhe beje cousa alguma.

CARLOTA.

Mamã, permitta que me retire ao meu quarto. São horas de vir o mestre de musica; e eu ainda não estudei a lição.

CARANGUEIJA:

Sim, sim; retira-te; e avisa-me quando elle chegar; quero fallar-lhe, e advirti-lo que não continue a ensinar-te aquele maldito hymno, constru-

cional. Que peste de musical que nogenta composição!

(affecta d'entoar o hymno)

www.libtool.com.cn

S C E N A IV.

CARANGUEIJA, DOUTOR.

DOUTOR.

Senhora D. Carangueija, trattemos dos nossos arranjos; eu pertendo que Carlota case com o meu amigo, o doutor Pancrácio, homem chão, e ca dos da minha témpera, verdadeiro pé de boi. Convém que V. m. disponha a rapariga; e eu vou concluir os ajustes. Avise Carlota que logo que chegue o meu amigo doutor, não concrece com os seus costumados destemperos, nem abra a boca sobre acontecimentos políticos. O meu futuro genro é homem de mão cheia, e tem odílio a tudo quanto cheira a jacobinice, e pedreirada.

CARANGUEIJA.

Sim, senhor, sim senhor; tudo se hade fazer. Mas diga-me meu queridinho: (*pondendo-lhe a mão pela cara*) inda estamos arrufados? Inda quer ir dormir para a livraria? ande, (*chega-se para elle*) diga, meu doutorsinho?

DOUTOR.

Leva rumor, senhora D. Carangueija! Basta de tolices; vamos ao que serve: trate de fazer o que lhe dice; e quanto ao resto, ca lhe fica *pirolo a tencor*. (*aparte*) Safa com a tal ayentesina!

S C E N A V.

Rua.

www.libtool.com.cn

ELEUTHERIO. AUGUSTO.

ELEUTHERIO.

Aquelle que acolá anda a passear.... Eu
ja vi aquella *lata*. E'o Augusto.... mesmo como
quem o vê. Oh Augusto! oh lé!

AUGUSTO.

Quem diabo me chama? Oh maldito! olha
que *gota*, com que eu venho embarrar?

ELEUTHERIO

Ora tu em Lisboa! Quando chegaste? com
quem vieste? que tal foi a patusca da jornada?

AUGUSTO.

Optima; grazinou-se por essa estrada, que
foi tudo c'os diabos: então que tens por cá feito?

ELEUTHERIO.

Por cá! (*rindo-se*) Lisboa, isto está *pindarico*! Môças, touros, theatros, Marrare, sucia,
e mais sucia,

AUGUSTO.

O' Eleutherio, dize-me; que sobre-escripto
é esse, que trazes no chapeo? ja hoje, quando
desmontei, vi dessas quizilias ahí pela rua. Que
peta é essa?

ELEUTHERIO.

Isto? isto é o *laço da constituição*.

AUGUSTO.

Pois sim: n'ca me *cabulará* no tal laço.
Isso é laço, comque tola a corcundage hade en-
ganar a boa gente. Então como vamos de *peti-*

cos? Ja pilhaste namôro? *Pinpa-se, ou ndo se pinpa?*

ELEUTHERIO.

Ora valha-te os diabos. Pois não ando embeicado com um peitão, mesmo peixarrão!

AUGUSTO.

Tu? ahahaha! Demais a mais namorante! Sabe-q ella? Appóstó que não; que tu sempre tiveste esse bom costume.

ELEUTHERIO.

Se o sabe! essa é boa! Tu não sabes que as môças de Lisboa entendem pelo ar isto de namôro, mesmo antes d' elle começar? Ha 15 dias que trabalha o telegrapho.

AUGUSTO.

E dá ella cavaco?

ELEUTHERIO.

Cavaquissimo.

AUGUSTO.

Bem entendido; para honra, e casamento.

ELEUTHERIO.

Ora embirro: hade ser o que der a jôgo,

AUGUSTO.

Não: tu pelo que vejo, é que estás cahido, mesmo como hum pato. Vamos, vamos; confeça, meu pingoleta.

ELEUTHERIO.

Gósto, gósto: lá isso é verdade: morro pela pequena.

AUGUSTO.

Morro pela pequena. (arremedando-o) Fôra tollo! morro pela pequena. Estou a ver que ja lhe fizeste a tua declaração em forma,.... A propósito, quantas grozas de sonetos lhe ferraste ja?

ELEUTHERIO.

Sonetos! versos a môças! Pois julgas-me
tão asno?

AUGUSTO.

Ora anda lá isto de poetas.. em estando
namorados, vai tudo raso com versalhada. Mas
olha, Eleutherio: lembra-te daquelle conselho
do Tolentino:

Vale uma vara de fita,

Mais que a Iliada de Homero.

ELEUTHERIO.

Deixa-te d'asneiras, varhos ao que importa.
Tu has-de servir-me no meu namôro,

AUGUSTO.

Muito boas noutes, Sr. Eleutherio; assim em
ar de brincadeira — *Alcoritantibus nobis* —

ELEUTHERIO.

Não é isso; não te faças camello. O caso é
este. Eu namôro uma rapariga bella, esbelta,
e gallante; e o que mais é, rica.

AUGUSTO.

Rical rical Oh que formusura, que divindade!
Ai, meu Eleutherio! parece-me que vou ser teu
rival. Que pechincha para um Sr. estudante!
Dize-me; quem é essa Tagide gentil? Quem é
o ditoso papá?

ELEUTHERIO.

Abi é que está o *busilis*! O pae é o mais en-
carquilhado ginja, o mais embrirrento casinurro,
que tem Lisboa. E' um letrado velho, um dô-
tor da universidade, que deus haja, d'antes da re-
forma, e demais a mais, corcunda como todos os
diabos.

AUGUSTO.

E a menina também padece da tal infus-
cência dorsal?

ELEUTHERIO.

Nada; antes é liberalíssima,

AUGUSTO.

Liberalíssima! salve deus tal lugar. Mu-
lher liberalíssima! E tu queres casar com ella?

ELEUTHERIO.

E porque não?

AUGUSTO.

Pobre homem! Não sabes que mulher libe-
ral faz o marido corcunda? quando não seja por
traz.... não sei se me percebes?

ELEUTHERIO.

Deixa-te de graças; vamos ao que importa,

AUGUSTO.

Sim: que isto que eu digo é um pau por
um olho. Bagatellas, bagatellas,

ELEUTHERIO.

Adeus! não me repiniques a conversa. O ve-
lho, a mãe, toda a gente da casa, e toda a gen-
te que vai a casa, são corcundas, corcundíssí-
mos; menos a rapariga. Ora eu, rapaz, vindo
de Coimbra ha pouco tempo, com fama de libe-
ral; como hei-de introduzir-me em similhante
casa? Para isto é que eu quero o teu conselho?

AUGUSTO.

Bom remedio: vai practicar com o doutor,

ELEUTHERIO.

Isso ja eu tentei fazer. Até untei as mãos
a um rabula, procurador de causas, que conheço;
para me introduzir com o ginja. Mas o maldito
antiquario, em sonhando que eu sou liberal,

põe-me pela porta fóra; e então fico peior que d'antes. Ora dize tu' em elle ofhando para es-
ta lata, em sabendo que me formei este anno..

www.Augusto.com.cn

O muito que poderá dizer é que és *pedreiro*
livre, *jardineiro*, *carbonario*; ou tudo junto, que
inda é melhor.

ELEUTHERIO.

Mas, homem, que hei-de eu fazer

AUGUSTO.

Ande ca, *su* toleirão: sempre lhe quero
mostrar que sou seu amigo. Em fim andámos
ambos com a roupeta: va. Voce, faça-se cor-
cunda. Tire-me essa garatuja do chapeo.....
Mas não; deixe-a estar, que nos é precisa. Com
o velho sempre *corcundíssimo*; diga-lhe a tudo
que sim; e deixe correr a demanda. Agora eu
hei-de *immortalizar* me na farça; aqui ninguém
me conhece; vou despir esta cazaca, e farei de
teu criado. O mais fica por minha conta. Mãoz
á obra, e toca a espatifar o negocio;

ELEUTHERIO.

Oh meu caro Augusto, que obrigações te
não devo eu!

AUGUSTO.

Cale a bôca, su pedaço d'asno. Com que eu fa-
ço isto para o servir a você, ou para me divertir
a mim? E' bem camello: ande dahí; vamos,

ELEUTHERIO.

Vamos,

S C E N A VI.

www.liston.com.cn

CARLOTA so.

Ora a livraria de meu pae sempre é bem curiosa cousa. Boa leitura para aconselhar a uma rapariga de dezoito annos! Mas este meu novo amante, quem será elle? Pelo geito parece-me cousa de Coimbra. O caso é que eu gosto delle. São estudantes, são atrevidos, são peti-mètres; todas dizem o mesmo, mas todas gostão do seu estudantinho.

S C E N A VII.

CARLOTA, ELEUTHERIO, AUGUSTO.

AUGUSTO.

(Defora, batendo á porta)

CARLOTA.

Quem é?

AUGUSTO.

Um servil creado desta illustre casa.

CARLOTA.

Quem procura?

AUGUSTO.

O sapientissimo Sr. doutor Lapafuncio Ge-
ba Simões da Boa morte.

CARLOTA.

Não está em casa.

AUGUSTO.

Não importa: temos ordem de esperar por elle.

CARLOTA (abindo)

Entre.

AUGUSTO.

Liberalissima prole do mais encundissimo progenitor, meu liberassimo, e agora, por seu respeito, encorcundizado amo, o senhor....

CARLOTA.

Que vejo! E' o mesmo. Senhor, V. m. nessa casa; Onde se vem metter, . . .

ELEUTHERIO:

Adorada Carlota, amor é quem me aqui traz; e amor nada receia. Os sentimentos, que há muito te consagro, me fizerão buscar este estratagemma para poder.... sim para que nós.... que vós.... e que....

AUGUSTO

(arremedando-o)

E que elles.... Minha senhora, o rapaz, quer dizer amor, e não lhe chega a língua, eu lhe ponho tudo em pratos limpos. Este moco morre pelos seus bellos olhos; as suas vistas são puras, e innocentes: é morgado na sua terra. Ora olhe-lhe para aquella veronica. Não lhe acha mesmo cara de morgado, e demais a mais mesmo assim de sujeito que quer casar? Pois ahi o tem todo inteiro: está ditto tudo. O Sr. seu pae, segundo consta, não gosta muito de *liberalidades*. Meu amo, que é mesmo liberal dos da' géma, receava pedir abertamente a sua mão, o que seria aliás bem recebido, attendendo ás suas grandes *propriedades sem fundo*, e *fundos sem propriedade*. Mas achou melhor servir-se d'uma piedosa alicantina para facilitar o expediente do negocio. Ora, como lhe ia dizendo, formou-se este anno, e vem praticar

com o Sr. seu pae no seu escriptorio: já se sabe, finge-se corcunda com elle, e procurara ser sempre liberal com a menina; ficão-lhe as abertas para fallar com V. m... (*aquidêrsei*!) com V. S... E o mais, deus o fara, ou o diabo lho ensinará.

CARLOTA.

Senhor, diga-me o que devo pensar do que diz o seu creado?

ELEUTHERIO.

Tudo aquillo é verdade, bella Carlota, são estes os innocentes, e desculpaveis artefícios, a que me obrigou a mais violenta paixão.

CARLOTA.

Mas como devo acredita-lo?

ELEUTHERIO. (*ajoelhando*)

Bella Carlota, as tuas graças...

AUGUSTO, (*à parte, arremedando-o*)

O teu dinheiro...

ELEUTHERIO.

A tua divina belleza...

AUGUSTO.

A tua celestial riqueza...

ELEUTHERIO.

Justificação...

AUGUSTO.

Espanificação...

ELEUTHERIO.

O meu atrevimento...

AUGUSTO.

O meu descaramento...

ELEUTHERIO.

E a avidez...

AUGUSTO.

O desejo....

ELEUTHERIO,
De gosar dos teus encantos

AUGUSTO.

De sangrar a burrinha do Sr. seu pae.

S C E N A VIII,

AUGUSTO, ELEUTHERIO, CARLOTA, CARANGUEIJA.

CARANGUEIJA. (*de dentro*)

Carlota, Carlota?

CARLOTA.

Ai de mim, que ahi vem minha mäi!

AUGUSTO.

Não se assuste, menina, que eu aqui estou. Sr. amo, pegue naquelles feitos, e ponha-se assim em ar de quem anda a pescar á chicana. A senhora D. Carlota põe-se á janella com um desses cartapacios fingindo que lê; e eu aqui fico com esta cara de chicote. Vamos, a seus postos; deixem o medalhão da velha por minha conta.

CARANGUEIJA. (*saindo*)

O' Carlota, Carlota! Irrá! tenho as guelas esfrangalhadas de gritar por esta rapariga! Temos namorico fillado? Pois não; assoe-se; bem sabe quaes são as vistas de seu pae, e que o Dr. Pancracio... (*dando com os olhos em Eleutherio e Augusto, estes a cortejão*) mas quem são estes melcatrefes? Que fazem elles aqui? Anjo bento! E a rapariga sosinha com dous homens, quando para a perder bastaria um; e então um dos ca *tempra* de hoje, que vale por huma duzia dos e.

de algum dia , (*puxhando a luneta, e encarando-os*)
 Ai meus peccados ! E demais a mais um delles
 parece-me estudante. Que lambertimo que não ha
 de ser ! ~~Devendo dizer que~~ *que Satanaz* , (*chega-se*
a elles) O' lá, meus senhores ? O que querem Vv.
 mm. ? Quem procurão nesta casa ?

ELEUTHÉRIO.

Eu , minha senhora , venho aqui para pra-
 eticante do Sr. Dr. Lapafuncio,

CARANGUEIJA.

Maroto ! Insolente ! *Traficante* do Sr. Dr. La-
 pafuncio , a honra da lettradice ! O Benjamin de
 fôro ! Meu marido *traficante* ! Ponha-se-me já no
 olho da rua.

CARLOTA.

Minha mãe , este senhor entrou neste mo-
 mento , e procura meu pae , que , segundo elle
 diz , lhe deu ordem de o esperar aqui.

AUGUSTO.

(Irra com a santopeia !) Minha senhora ,
 não se allucine ; meu amo vemi apprender como
 Sr. Dr. Lapafuncio a grande arte da *cabolla judi-*
cial.

CARANGUEIJA.

Cavalla ! ... Cavalla será elle , grandessissi-
 mo mariolla . Patifes ! Virem a minha casa pro-
 curar *Cavallas* , como se aqui fosse a ribeira do
 peixe ! Insolentes !

S C E N A IX.

CARANGUEIJA, CARLOTA, ELEUTHERIO, AUGUSTO,
DOUTOR.

DOUTOR.

Que algazarra é esta?

CARANGUEIJA.

O que hác de ser? São estes meliantes que te vierão insultar áqui mesmo ao teu escriptorio. Um chamou-te *tradicante*; e o outro quer que eu lhe venda *cavallas*. Atrevidos. . . .

DOUTOR.

Então que pertendem os senhores? Que é isto?

ELEUTHERIO.

Que hác de ser Sr. Doutor? E' esta senhora, que, sem nos ouvir, nos condemnou á revelia. Eu sou aquelle bacharel, por quem lhe falhou o seu amigo Barrigudo das Toupeiras; e elle é quem aqui me mandou, assegurando-me que estava admittido a praticar no seu escriptorio. A vista do exposto, deferirá em termos.

DOUTOR.

Como pede; sim senhor, muito bem vindo, meu cáro Sr. Eleutherio. Já me dava muito cuidado a sua tardança. Julguei que tinha, por desgraça, cahido em alguma dessas enxovias de que ha tanta abundancia nesta capital: são humas verdadeiras ratoeiras de armadilha aos ignorantes pataus. Forte lastima seria, se depois de tão boas informações do meu amigo Barrigudo, tal infortunio lhe acontecesse! V. m. ficava perdidi-

nho de todo para nunca mais levantar cabeça !
 Em que mãos , meu deus ! Em que mãos ia cahir ! Rabulas , rabulas modernos , que apenas (e nem ainda apenas) sabem arranhar a ordenação ! Olhe , Sr. Eleutherio , depois da vinda *dos do Porto* , entrou ahi huma matilha de garraios novos , que dão conselhos até por um copo de capilé ! Porém... Senhora Carangueija tratte de prevenir Carlota do que lhe disse ,

S C E N A X.

DOUTOR , ELEUTÉRIO , AUGUSTO.

DOUTOR.

O' Sr. Eleutherio , quem é este rapaz que vem na sua companhia ?

ELEUTHERIO.

Este rapaz é um garoto , que tomei em Coimbra ao meu serviço . É um pobre diabo , *orfão de pae , e mãe* , fiel , e capaz de se lhe confiar qualquer empreza , ou obra de desempenho .

AUGUSTO.

Sim senhor , sim senhor ; é verdade Sr. Doutor . Sou garoto , sim senhor . O Sr. Eleutherio também , sim senhor . De Coimbra , sim senhor , de Coimbra .

(*para Eleutherio á parte .*)

Deixa estar patife , que logo to direi .

DOUTOR.

Parece-me um pobre selvagem . Isto de certo não tem malicia . Estes creados lá da província são melhores que os cá da cidade que são todos uma canalha : confiados , larapios , e muito liberaes das algibeiras alheias .

ELEUTHERIO.

Tem razão Sr. Doutor. Isto por cá está cada vez peior. Daqui a pouco já não ha ceados; todos são ámos.

www.libtool.com.cn

DOUTOR.

Que quer V., m. Sr. Eleutherio, se tudo é uma anarchia? Todos dão o seu conselho, todos mettem a sua colherada; e o que é mais seio, ja todos são letrados, e detideni de cadeira, como se fossem doutores de capelló. E' uma lástima: o melhor conselho da nossa profissão não vale hojo uma dé doze. A propósito, Sr. Eleutherio, que notícias temos?

ELEUTHERIO.

Poucas; porém boas. Dizem que vamos a ter outra *alliança angelica* nas margens do Sena. Trata-se de abrir os olhos aos habitantes das trevas peninsulares. Acabará a escravatura, dando liberdade aos negros, e escravizando os brancos. Tolerancia absoluta, concedida pela nova reforma da sancta inquisição; segurança plena de propriedade asliançada por trezentos mil dos protectores da Italia, que querem arranjar as cousas como manda deus; e a igreja, sem derramar huma só gota de sangue, à excepção do de tres, ou quatro milhões de impios, e incredulositos, que não querem accreditar em suas bemfazejas intenções.

DOUTOR.

Isso é sancta gente, que ha de ensinar estes maganões. Diga-me, Sr. Eleutherio: leu a *Gazeta Universal de Europa*?

ELEUTHERIO.

Não senhor, não a li hojo; porque a não pude obter pela affluencia de compradores. Era

lanta a gaiatada á porta do distribuidor, que voou o tal papelucho. Verei logo se posso apanhar alguma ahi por essas lojas, ainda que o pague a pézo. Não me admira a extracção: é papel universal, e basta. Consta-me que até em Constantinopla se gasta como canella. O gram turco é com que accende o seu cachimbo. Voltemos porém ao ponto: que traz elle hoje interessante?

DOUTOR. (com ar mysterioso.)

Duas *conspirações e mcia* descubertas a noite passada á luz da candeia. Metade d'um sermão sobre a instabilidade das cousas deste mundo, cá neste valle de lagrimas. E o que mais interessa; a marcha d'um exército de mais de quatrocentos mil benfeiteiros da humanidade... Diz-se que em dias claros já da serra da Estrella se avistão as avançadas. Isto ainda não é nada. Olhe, Sr. Eleutherio, também se falla em quatro esquadras que se apromptão a toda á pressa. De certo, tudo está combinado: o negocio decide-se por estes quinze dias. Ora diga-me: V. m. ouviu fallar nessas grandes desordens da província.

ELEUTERIO.

Ouvi, sim, senhor; isso anda tudo revolto; e elles a teimarem com a gente; ninguem quer isto, á excepção de meia duzia de meliantes, que não tem que perder: elles se desenganarão. Veja, meu doutor, se isto agrada a ninguem: todos iguaes perante a lei; tolerancia; liberdade d'imprensa; segurança de propriedade; abolição da saneta Inquisição; extinção de caudelarias; coitadas; direitos banaes, &c. &c.

DOUTOR.

E que me diz á das ordenanças? Homem

Os capitães mores que erão a consolação e abri-
go dos povos: veja se ha maior desafôro. Está
visto aonde tudo ia dar; se os do Norte se não
lembressem de vir arranjar as cousas. (*em segredo*)
Ouvi dizer que os Tureos tambem dão o seu con-
tingente de tropa?

ELÉUTHERIO.

Se dão! Obrigarião-se por este ultimo trat-
ado secreto: a dar 30 mil Assyrios, 50 mil Egy-
pcios, 10 mil Janisaros, e 20 mil Medas; gen-
te terrível, e que fazem uma guerra assoladora.
Servem-se de animaes ferozes, e trazem uma
cáfila de leopardos, pantheras, ursos, tigres,
elephantes, hyppopotamos, leões, onças, e ca-
melloes dós que mordem; além de uma quanti-
dade de pirañas, e gallinhas bravas; cuja picadu-
ra é venenosa.

AUGUSTO.

Oh Sr. meu amo, isso tudo será para o pa-
teo dos bichos?

ELÉUTHERIO.

Calâ-te tolo: que entendes tu de politica?
Altas combinações da negromancia, a que não
pôdes chegar com os teus rombos talentos.

DOUTOR.

Não faça easo, Sr. Eleutherio; hoje todos
querem metter a sua colherada em politica em
leis, em finanças, em commercio; todos fazem
planos, projectos, e memorias; basta saberem
ler as gazetas para se pôrem a decidir a sorte das
Nações. Deixe, deixe estes amigos, não lhes
tarda o seu S. Martinho; verá, Sr. Eleutherio, as
noticias do primeiro paquite; leia a gazeta de
França, o observador Austriaco; e deixe o mar

que ronca. Vamos porém principiar o nosso trabalho, que são horas.

ELEUTHERIO.

Caro Sr. Doutor, com meu desejo é ajuda-lo nas suas laboriosas tarefas. Diga em que me posso ocupar?

DOUTOR.

Ainda que o rendimento é pouco, temos ali obra de sobejo. Aqui não ha mãos a medir. Ha quinze dias que a grande affluencia de trabalho apenas me dá tempo de pedir os dias da lei, e jurar que estou doente. Se isto continua, vejo-me obrigado a dar parte de morto, bem entendido com o juramento do estylo, para não faltar á verdade. (*Chegando-se á banca.*) Veja esses autos, Sr. Eleuterio.

ELEUTHERIO.

Eu vou, Sr. doutor: permita-me dizer duas palavras ao meu rapaz. O garoto, anda cá.

AUGUSTO.

Sim senhor; anda cá. Lá vou, sim senhor.

DOUTOR.

Sr. Eleutheiro, se lhe parece em quanto trabalhamos, pode ir lá para dentro sentar-se na cozinha.

ELEUTHERIO.

Acceitò o offerecimento, até porque não gosto que elle ande só por essa cidade. (*á parte a Augusto.*) Ouves, Augusto? tratta de prevenir Carlota do que ajustámos. Esta noite tudo deve ficar arranjado. Não é assim, meu Augusto? (*afagando-o.*) Ora tu não ha-des deixar ficar mal o teu Eleutheiro.

AUGUSTO.

Fallemos claro: levo, ou não levo rasos na assadura? Olha que a tua sorte depende de mim.

www.libtool.com.cn

ELEUTHERIO.

Sim, meu querido Augusto; tudo quanto quizeres; anda, vai.

AUGUSTO.

Bom: nesse caso, conta que a p'quena fica hoje mesmo disposta, e informada de tudo.

S C E N A XI.

BARRIGUDO, DOUTOR,
DOUTOR.

(*Batem d' porta*) Quem é pôde entrar.

BARRIGUDO.

Deus seja nesta casa. Como passou o meu amigo? Sr. Eleutherio, fôlgo de ve-lo já em papelaço.

DOUTOR.

Bem vindo, Sr. Barrigudo. (*levantando-se*) Estou muito contente com o tal bacharel; parece-me um moço de muito proposito. (*Eleutherio folheando papéis*.)

BARRIGUDO.

Não lhe dizia eu, meu doutor; aquillo é huma joia.

DOUTOR.

Não há dúvida, meu cárdo amigo; é bom moço; porem tem certa quezilia, que me desagrada. O' Sr. Barrigudo, porque não lhe diz V. m. que tire aquella cataplasma do chapeo?

BARRIGUDO

Ora Sr. doutor, essa não me parece sua, (mostra-lhe o chapéu e aponta para o laço.) Olhe para isto; não é? Com isto é que nós o comemos.

DOUTOR.

Então, também vou tratar de comprar um laço; que lhe parece Sr. Barrigudo? devo pô-lo?

BARRIGUDO.

Sr. doutor, este sobre escripto é muito necessário cá aos da nossa opinião. Vamos porém ao que serve. Apanhei agora hum supplemento extraordinario: isto vem hoje muito bom, é papa fina, (pucha pelo supplemento)

DOUTOR. (esfregando as mãos)

Sim, vejamos, O Sr. Eleutherio, chegue-se para cá; e oiça as notícias de hoje.

ELEUTHERIO.

Prompto. (chega-se,) Não de ser boas por força; a fonte é optima.

BARRIGUDO.

Se o é! (pucha pelas orelhas e le,) « Napô-
» les 12 de Julho. A entrada dos *Estrikios*, foi
» renunciada com *repentíquios* de sinos, salvárão
» as fortalezas, e embarcações *surdas* no porto.
» Os habitantes manifesterão a maior alegria pa-
» ra com os seus libertadores, O espirito público
» é o melhor. Os nossos aliados, querendo dar
» uma decisiva prova das suas boas intenções,
» levantárão uma pequena contribuição de dois
» milhões de ducados.

DOUTOR. (interrompendo-o)

E' preciso dinheiro; sim, levárão lá muita
gente, que deve ser sustentada pelos habitantes.

BARRICUDO.

Pois que ! (*continuando*) " Mandárao pren-
der causa de cinco mil perversos, que contri-
buírao para as ideias *jacotinas*, proclamando a
constituição Hespanhola. "

Hem, Sr. doutor ! que lhe parece ? E' bico,
ou cabeça ? Ah bons taſues dos taes *estrikios* ! el-
les é que hão de ensinar esta canalha !

DOUTOR.

Oh lé ! como canta, Sancta gente, deus os
livre de alguma camada de febre amarella.

BARRICUDO.

Meu doutor, continuemos ; oica este arti-
go da Galiza que está frisante. " *Fonte-verde* 2
de Julho. .. " A Junta denominada *Apostoli-*
qua foi constrangida a fugir desta cidade; e
consta-nos acaba de se installar em *Tuy*, princi-
piando logo os seus trabalhos por um protes-
to contra a constituição. .. (Bem bom !),, A
authoridade local julgou dever oppôr-se á se-
gunda reunião, e hontem forão presos.....
Presos ! patifes sempre são Gallegos; prenderem
tam sanctos varões !

ELEUTERIO.

Eis ahi porque os bons temem de apparecer.

DOUTOR.

Mais claro. Qual será o homem de juizo, que
queira fallar, ou escrever na presença de simi-
lhantes prepotencias ? Basta, Sr. Barrigudo; não
leia mais; o redactor asneou ahi nesse artigo.

BARRIGUDO.

Camellou, camellon. Pois olhe é contra o
seu costume. Eu tenho este jornal em muito boa
conta, é o unico que se pôde ler.

DOUTOR.

Isso é verdade; é o unico que escreve bem; os mais, é uma corja sem moral, e sem religião, ~~westev. Sr. Barrigudo.~~ este sabe o que diz,

ELEUTHERIO. (á parte)

Oh se sabe! Mas ignora o que dizem delle.

BARRIGUDO.

Meu doutor, é preciso tratar agora do util, Tenho certo arranjosinho, que vale a pena.

DOUTOR.

Diga lá, Sr. Barrigudo: V. m. sabe que sou seu amigo.

BARRIGUDO.

Necessito que me acompanhe á casa daquele meu amigo, o conego. Deus tenha a sua alma em gloria. Espixou como sabe, e é preciso fazer-lhe o testamento para não dar trabalhos aos seus.... coitadinhos.... affilhados.... não sei se me percebe?

DOUTOR.

Optime! Recebo, e mais que percebo. E' justamente uma exelleente occasião. Sr. Eleutherio, eu volto ja. Se vier o fiel desses autos. de libello crime; diga-lhe que amanhã estão promtos, e que rendem pitança.

ELEUTHERIO.

Pode ir descansado.

S C E N A XII.

ELEUTHERIO. *so*

Augusto, O' Augusto? O maldito, está surdo! Querem Vv. mn. ver que o patife excedeu os poderes da procuração? Augusto, Augusto? O' excommungado, tu ouves?

S C E N A · X H I .

ELEUTHERIO, AUGUSTO.

www.libtool.com.cn

AUGUSTO. (*de dentro*)

Eu vou, eu vou, Sr. bacharel; estou na ultima ademão; eu lhe fallo.

ELEUTHERIO.

Que tal é o lôgro? O maroto pregou-ma. Estou vendo que me assopra a dama, e eu fico chuchando no dedo como um pateta. Ah patife! eu te irei ao gallinheiro.

AUGUSTO. (*entrando*)

Que diabo de algazarra é esta? Então que temos?

ELEUTHERIO.

Oh maldito! não ouvias? Esganei-me, gritei, berrei; e tu, nem palavra.

AUGUSTO.

Ouvi sim; e então que queria? não sabe, Sr. pateta, que estava ocupado? Queria ver se arranjava tambem a creada para acompanhar o farracho.

ELEUTHERIO.

Mais! Chalaca á parte, o caso é serio. O ginja saiu, e é necessário pôr mãos á obra, e já.

AUGUSTO

Porém como ha de isso ser? Carlota já está informada de tudo; mas logo me disse que antes da noite era impossivel.

ELEUTHERIO.

Quai impossivel! Aqui não ha tempo a perder, e devemos agora mesmo aproveitar a occasião, que tão propicia se nos offrece, Anda, meu Augusto; chama Carlota.

AUGUSTO.

Vamos lá com mais essa, temos maroteira; e eis-me dispôsto. Nunca tive coração de dizer que não, principalmente a obras pias. Senhora D. Carlota, senhora D. Carlota? O papá chama.

S C E N A XIII.

AUGUSTO, ELEUTHERIO, CARLOTA.

CARLOTA (*de dentro*)

Eu vou, eu vou. (*entrando na scena.*) Então aonde está meu pae?

ELEUTHERIO.

Bella, e adorada Carlota, perdoa a um amante por extremo apaixonado, este innocent estratagema. Sei que teu pae nunca consentirá na nossa alliança; e forçoso será o separar-nos para sempre. Um unico meio resta: é o consentires em seguir-me. Facil então será obter o consentimento de teu pae.

CARLOTA.

Eleutherio, eu amo-te, porém não devo anuir a tal proposta. Conheço os meus deveres; e se os devo infringir para possuir-te, prefiro renunciar a um louco, e inconsiderado amor, que faria o continuo tormento da minha existencia.

ELEUTHERIO.

Ah cruel, e fallas em amor! Tu o desconheces; o amor quando é verdadeiro, não deixa logar a frivolas considerações. Estás bem; conheço agora a minha loucura em te ter amado; queres a minha morte? Pois sim, cruel; em breve

a verás; em breve saberás qual foi a triste sorte do mais infeliz dos amantes. (*finge querer partir.*)

CARLOTA.

Eleutherio, por piedade não me atormentes mais. www.libtool.com.cn

AUGUSTO.

Meu amigo, constância, e valor: não te deiches suceder. Senhora D. Carlota . . . , (*fingindo que ehora,*) tenha dó delle; o pobre moço vai-se enforcar; ou, pelo menos, deita-se do arco grande abaicho. Ora . . . , Ora . . . por quem é? Faça o que lhe pede o rapaz, Isso é ter um coração de bronze. Eu já não posso . . . (*chorando*)

CARLOTA.

Eleutherio, um cruel pressentimento me deixa preplexa; não sei o que deva fazer. Tu conheces quanto é fragil uma desgraçada mulher, quando tem o infortunio de amar. Confio na tua honra, confio nos teus juramentos. Eis-me disposta a seguir-te, oxalá que algum dia não deva arrepender-me . . .

ELEUTHERIO.

Adorada Carlota; as minhas tenções são puras. Augusto te acompanhará a casa de minha tia, onde ficarás em todo o recato. Eu escrevo a teus paez; e elles, sabendo da tua fuga, por certo anuirão ao nosso casamento. No entanto, conve que te disfarces com um capote, para evitar qualquer encontro.

CARLOTA.

Eu corro a buscar o da minha criada, e volto.

FLEUTHERIO.

(*beija-me a mão*)

AUGUSTO

Vá, sim, minha senhora; e nada receie do seu Eleutherio, que é mesmo uma pomba sem fel. Alli não há malícia. Nas nossas empresas Coimbrenses foi sempre o beijinho da patusca.

S C E N A XV,

AUGUSTO, ELEUTHERIO, e depois CARLOTA.

ELEUTHERIO.

Augusto, basta de caçoada, que o caso é serio. Gôsto da pequena; e ha-de ser minha mulher, dê por onde der.

AUGUSTO.

Pois não; isso ha-de ter que ver! ah ah ah!
(*rindo*) go'sto da pequena; e então das loiras do ginja nada? Hem? Não ajustão a conta, Sr. Eleutherio?

ELEUTHERIO.

Toca a escrever ao ginja: deichemos-lhe a carta sobre esta carteira; e mo'cas quanto antes.
(*Eleutherio escreve*)

AUGUSTO.

Approvo a política; sempre me pareceu bem. O' Eleutherio, não te esqueças de lhe dar algumas boas notícias políticas na carta; consola o tal leopardo com quatro corcundices, se quer ao menos faz-lhe a boca doce com essas toleimas, já que lhe azedaste o estomago, empalmando-lhe a pequena. Ei-la que chega. Oh Eleutherio! como vem boa com o tal capote! Oh diabol! estou qua-

si tentado a tirar-lha do lance. Digão o que quizerem: o tal trastinho do capote é chistoso, e está-lhe a matar: bom, se ha de estar? E' traje nacional, e basta. (*E. eutero levanta-se, deixa a carta, e aproxima-se. Augusto, olhando, e mirando Carlota.*)

ELEUTERIO.

Querida Carlota, eu sou o mais feliz de todos os mortaes; permitte que a teus pés....

CARLOTA.

Meu amado Eleutherio, convem não perder tempo, minha mãe não turda.

AUGUSTO.

Vamos, vamos; nada de demoras.

ELEUTERIO.

Oh dia venturoso!

AUGUSTO.

Ande, su camelio.

S C E ' N A. XVI.

CARANGUEIJA. (*entrando*)

Carlota, Carlota? Onde está o demonio da rapariga? Carlota, Carlota? (*procurando*) Suniu-se. O' doutor, doutor? Menos. Sr. *tradicante charamel*? Sr. *charamel*? Também não. Esta, casa está endemoninhada. Ninguem fala, ninguem responde, ninguem apparece. Hui! a porta está aberta! Querem Vv. mm. apostar que estes patetas forão ver as descargas ao Rocio com aquella corja de tolos que para lá vão gritar, viva a *construção*, viva o general *Sepulchro*, viva o diabo que os leve. Sim é o que foi... Porem Lapafuncio unica tal vez na sua vida....

mas quem sabe?... O tal traficante metten-lhe talvez isso na cabeça; e o doutor perdeu a bolla... Não ha que duvidar, é o que foi... São rapazes ~~esfogados~~ www.libtool.com.cn

S C E N A XVII.

CARANGUEIJA, DOUTOR.

DOUTOR.

Que diabo de bulha ésta, senhora Carangueija? Então que temos? Onde está Eleutherio?

CARANGUEIJA.

Bonita pergunta! Eleutherio fugiu, desapareceu. Em cata delle ando eu; e sem dúvida Carlota seguiu-o. Mulheres, mulheres! Sempre se agarrão ao peior. Está visto aceitou as liberdades do tal maroto.

DOUTOR.

Que dizes mulher; Nada, nada; não posso acreditar tal. Eleutherio, que era uma mosca morta, incapaz de quebrar hum prato; um moço tam sizado, de tam bons sentimentos! Nada, nada; com aquelle não me engano eu. Conheço-os pela pinta; não pôde ser; está dito, (chega-se à cadeira, e põe o chapéu em cima) Oh lá! uma carta para mim! Vejamos.

.. (abre, e le)

.. Sr. doutor Lapasúcio Geba Simões da Boa-
.. morte. Sirvão-lhe estas duas regras de desen-
.. gano, e de ensino. Cá me safo com a senhora
.. sua filha, para lhe dar gôsto. — Fingi-me
.. corgunda para lhe cabular a miôça. Agora já

„ sou liberal como dantes, e muito ao seu dis-
 „ pôr. Desculpe esta pequena lograçào. Assim
 „ quizera eu ensinar todos os corcundas: mas
 „ não faltará quem o faça. — Se quizer remediar
 „ o negocio www.Librofum.com.br venha dinheiro, e far-se-ha o
 „ casamento. — Cá me vou esgueirando com o
 „ petisco para a hospedaria da Laconibe. Se se
 „ resolver, endireite as costas e appareça! Seu
 „ creado-*O Corcunda por amor* ”

Ah patief! que me soubeste enrabichar!
 Exaqui o que fazem as gazetinhas!

CARANGUEIJA.

Os periolicos os periolicos! — E o
 outro bregeiro do creado? Aposto que tambem
 era estudante.

DOUTOR.

Pois você inda o duvida, grandessíssima
 tola! Vamos, vamos; não ha outro remedio; vamos
 a essa maldita hospedaria. E' preciso casar a
 rapariga

CARANGUEIJA.

Casá-la! Essa é boa! casá-la com similhan-
 te velhaco?

DOUTOR.

Toleirona! Se o matrimonio a esta hora
 já está consummado; você inda quer deimorar os
 esponsaes?

SCENA XVIII.

DOUTOR, CARANGUEIJA, BARRIGUDO.

BARRIGUDO.

Aqui estão estes feitos, Sr. doutor.

DOUTOR.

Quaes feitos, su procurador de causas perdidas; feitos tenho eu cá com que me divertir. Forte maroto me metteu você em casa. Vá-se c'os diabos despachar feitos para o inferno: que em voz adi aviar uns ao Loureto.

BARRIGUDO.

Pois que é isso?

DOUTOR.

O que é? é o diabo que o carregue. Fugiu a rapariga com o tal patifao do praticante, que sem esperar pelo accordio, vêheceu a demanda, e çafou-se. Ah maldita corcunda! agora é que eu fico desempennado. Mas pelo menos, na corcunda da burra não me hade elle metter á plaina.

BARRIGUDO.

Sr. doutor, ôlho vivo com estes liberaesinhos. Não ha melhor petisco para esta canalha, que a disfructa d'um coreunda.

DOUTOR.

Coreunda, sim, coreunda! Não quero se lo mais: que tenho muito medo aos lógres.

CARANGUEIJA.

Sim, meu Lapafuncio, construção, e mais construção.

BARRIGUDO.

Se a rapariga já lhe fez jurar as bates, que lhe hão-de V. mta. fazer?

DOUTOR.

Vamos, senhora Carangueija, antes que se faça mais pública a nossa vergonha. E que risadas, que risadas não terá dado o velhaco á minha custa!

SCENA XIX.

Hospedaria.

AUGUSTO, ELEUTERIO, CARLOTA, (sentados)

www.libtool.com.cn

AUGUSTO.

Então que tal foi o mono, que pregámos
ao ginja?

ELEUTERIO.

Augusto, sempre tens vontade de gracejar.
Considera o estado de Carlota, e ve quanto
sofre a sua timidez; quanto me tem arguido
deste passo.

AUGUSTO.

Ora isso ha-de lhe passar: tudo faz o cos-
tume.

CARLOTA.

Não pense, senhor, que por ter tido a
ligeireza de cometer uma imprudência, eu não
saiba quanto devo a mim-mesma.

ELEUTERIO.

Tranquilisa-te, bélia, Carlota: de ora em
diante, serei o amante o mais submisso, e o
mais respeitoso. Não tarda que teu pae preste o seu
consentimento; e a cada momento espero que...
(batem fortemente à porta)

SCENA ULTIMA.

AUGUSTO, ELEUTERIO, CARLOTA, CARANGNEJA.

DOUTOR BARRIGUPO. (defora)

AUGUSTO.

Exahi sem dúvida a resposta acompanhada

I

com artilharia grossa, e cartuxame emballado.
(continuado batendo)

Quem diabo está ahi?

www.Libtool.com.cn

DOUTOR.

Abra essa porta, seu patifão, indigno, perfido, traidor, ou bem depresa lhe mostrô
quêta é o doutor Lapafuncio Geba Simões da
Boa-morte.

CARLOTA.

Meu pae! estou perdida.

ELEUTERIO.

Não receies, Carlota; seu pae ha-de aten-
der aos meus peditorios, aos meus rogos ha-de.

(batem com mais força)

CARANGUEIJA.

Oh filha matricida! Oh filha indigna!
Sr. traficante, abra a porta, ou grito aqui
del-rei.

AUGUSTO.

Esperem, meus senhores; mais prudencia.
Ahi vai, ahi vai; eu vou, eu abro já

(abre-se; e entra.)

DOUTOR.

Com que, filha indigna, é este objecto da
educação, que te dei? Ex-aqui o que produziu
a minha condescendencia criminosa!

CARANGUEIJA.

Nada, nada, meu doutor; vamos embora.
vamos buscar a policia para metter esta indi-
gna em um recolmimento: e quanto ao Sr. tra-
ficante, é a boa joia do criado, já fa para as ga-
lés.

CARLOTA.

Meu pae, minha mãe, a minha conducta,

www.libtool.com.cn

